

O PÃO

DA PADARIAESPIRITUAL

Edição fac-similar

Introdução

SÂNZIO DE AZEVEDO

Co-edição



Edições
Universidade Federal do Ceará



Apoio financeiro
Prefeitura Municipal de Fortaleza

1982

Supervisão
CLÁUDIO MARTINS

Organização
SÂNZIO DE AZEVEDO

Ccordenação de fotografia e restauração

GERALDO JESUINO DA COSTA
GILBERTO MARQUES DO VALLE

Projeto gráfico

G. JESUINO
ALBERON SOARES

Fotolito, impressão e encadernação

Imprensa Universitária da
Universidade Federal do Ceará

Fortaleza — 1982

ofertada por Dolor Barreira, bem assim, a da beletrista Regina Cláudia Pamplona Fiuza, este acervo preciosíssimo teria perecido, como um todo.

É de salientar, por igual, a contribuição da Biblioteca Nacional, que nos cedeu, em microfilme, parte do material aqui reproduzido, secundada por gentileza da família do eminente colecionador José Osvaldo de Araújo, possibilitando a correção de algumas falhas impressas pelo tempo nos originais em nosso poder.

Ficam, deste modo, consignados à Biblioteca Nacional e demais amigos que nos acudiram com suas decisivas

achegas os nossos profundos agradecimentos.

Decerto, não caberia, na oportunidade, a formulação de justo reconhecimento à Universidade Federal do Ceará e à Prefeitura Municipal de Fortaleza, pois este cometimento lhes pertence tanto quanto a nós.

No entanto, seria falta imperdoável omitir, nesse tanto, os nomes de Paulo Elpídio de Menezes Neto e Lúcio Gonçalo de Alcântara, dois devotados administradores, que assinalam sua fecunda passagem pelas instituições em referência como autênticos homens de letras, fundamentalmente preocupados com a projeção cultural do Ceará.

Fortaleza, março de 1982



Cláudio Martins

Presidente da Academia
Cearense de Letras

Os Padeiros e Seu Periódico

1. O padeiro e o seu periódico

2. O padeiro e o seu periódico

3. O padeiro e o seu periódico

4. O padeiro e o seu periódico

5. O padeiro e o seu periódico

6. O padeiro e o seu periódico

7. O padeiro e o seu periódico

8. O padeiro e o seu periódico

9. O padeiro e o seu periódico

10. O padeiro e o seu periódico

11. O padeiro e o seu periódico

12. O padeiro e o seu periódico

13. O padeiro e o seu periódico

14. O padeiro e o seu periódico

15. O padeiro e o seu periódico

16. O padeiro e o seu periódico

17. O padeiro e o seu periódico

18. O padeiro e o seu periódico

19. O padeiro e o seu periódico

20. O padeiro e o seu periódico

21. O padeiro e o seu periódico

22. O padeiro e o seu periódico

23. O padeiro e o seu periódico

24. O padeiro e o seu periódico

particular e aos povos em geral.

II — A Padaria Espiritual se comporá de um Padeiro-mór (presidente), de dois Forneiros (secretarios), de um Gaveta (thesoureiro), de um Guarda-livros, na accepção intrinseca da palavra (bibliothecario), de um investigador das Cousas e das Gentes, que se chamará — Olho de Providencia, e demais Amassadores (socios). Todos os socios terão a denominação geral de — Padeiros.

V — Haverá um livro especial para registrar-se o nome comum e o nome de guerra de cada Padeiro, sua naturalidade, estado, filiação e profissão afim de poupar-se á Posteridade o trabalho dessas indagações.

VIII — As fornadas (sessões) se realizarão diariamente, á noite, á excepção das quintas-feiras, e nos domingos, ao meio-dia.

X — Far-se-ão dissertações biographicas acerca de sabios, poetas, artistas, e litteratos, a começar pelos nacionaes, para o que se organizará uma lista na qual serão designados com a precisa antecedência o dis-

sertador e a victima. Tambem se farão dissertações sobre datas celebres da historia nacional ou estrangeira.

XI — Estas dissertações serão feitas em palestras, sendo prohibido o tom oratorio, sob pena de vaia.

XIV — É prohibido o uso de palavras extranhas á lingua vernacula, sendo porem permittido o emprego dos neologismos do Dr. Castro Lopes.

XIX — É prohibido fazer qualquer referencia á rosa de Malherbe e escrever nas folhas mais ou menos perfumadas dos albuns.

XXI — Será julgada indigna de publicidade qualquer peça litteraria em que se fallar de animaes ou plantas extranhas á Fauna e á Flora Brasileira, como — cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, etc.

XXVIII — Será punido com expulsão immediata e sem apello o Padeiro que recitar ao piano.

XXXV — Logo que estejam montados todos os machinismos, a Padaria publicará um jornal que, naturalmente, se chamará — *O Pão*”¹

Vemos que se tratava não somente de um grupo de es-

critores, mas de “uma sociedade de rapazes de Letras e Artes”. Efetivamente, contou o grêmio não apenas com prosadores e poetas como Antônio Sales, Adolfo Caminha, Álvaro Martins, Tibúrcio de Freitas, Lopes Filho, Lívio Barreto e vários outros, mas também com um pintor e desenhista, Luís Sá, e ainda dois músicos, os irmãos Henrique Jorge e Carlos Vítor.

Exerceram as funções de Padeiro-mor: Jovino Guedes (de 1892 a 1894), José Carlos Júnior (de 1894 a 1896) e Rodolfo Teófilo (de 1896 a 1898). Antônio Sales, idealizador do grêmio, ocupou o lugar de Padeiro-mor apenas interinamente, na sessão inaugural em 1892 e, mais tarde, em 1894, quando da reorganização da entidade, antes da gestão de José Carlos Júnior. Fez questão de ser sempre Primeiro-forneiro.

Admite-se que a Padaria Espiritual tenha tido duas fases, sendo a primeira mais brincalhona e a segunda, iniciada com a reorganização de 1894, mais compenetrada. A nosso ver, não se pode dizer nem que as duas fases foram

antagônicas (revolucionária a primeira e *burguesa* a segunda, como já houve quem sugerisse), nem que ambas tiveram absolutamente o mesmo espírito boêmio: os primeiros tempos não foram unicamente de brincadeira, nem os posteriores foram só de trabalho sério. É evidente, porém, que houve, como era natural, maior dose de humor na primeira fase, e mais seriedade na segunda.

Quanto ao nome de guerra de que fala o artigo 5.º, teve cumprimento, notadamente nos primeiros tempos. E damos aqui a lista dos nomes de todos os *padeiros*, com seus criptônimos: primeiramente os vinte fundadores, de 1892, e, depois, os catorze novos sócios, sendo que o primeiro do segundo grupo (Antônio de Castro) ingressou ainda em 1892, logo após a fundação; os demais, em 1894, quando da reorganização, em setembro, ou pouco depois. Eis os nomes de todos:

- 1) Jovino Guedes (Venceslau Tupiniquim)
- 2) Antônio Sales (Moacir Jurema)

- 3) Tibúrcio de Freitas (Lúcio Jaguar)
- 4) Ulisses Bezerra (Frivolino Catavento)
- 5) Carlos Vítor (Alcino Bandolim)
- 6) José de Moura Cavalcante (Silvino Batalha)
- 7) Raimundo Teófilo de Moura (José Marbri)
- 8) Álvaro Martins (Policarpo Estouro)
- 9) Lopes Filho (Anatólio Gerval)
- 10) Temístocles Machado (Túlio Guanabara)
- 11) Sabino Batista (Sátiro Alegrete)
- 12) José Maria Brígido (Mogar Jandira)
- 13) Henrique Jorge (Sarasate Mirim)
- 14) Lívio Barreto (Lucas Bizarro)
- 15) Luís Sá (Corrégio del Sarto)
- 16) Joaquim Vitoriano (Paulo Kandalaskaia)
- 17) Gastão de Castro (Inácio Mongubeira)
- 18) Adolfo Caminha (Félix Guanabarino)
- 19) José dos Santos (Miguel Lince)

- 20) João Paiva (Marco Agrata)
- 1) Antônio de Castro (Aurélio Sanhaçu)
- 2) José Carlos Júnior (Bruno Jaci)
- 3) Rodolfo Teófilo (Marcos Serrano)
- 4) Almeida Braga (Paulo Giordano)
- 5) Valdemiro Cavalcante (Ivan d'Azof)
- 6) Antônio Bezerra (André Carnaúba)
- 7) José Carvalho (Cariri Braúna)
- 8) X. de Castro (Bento Pesqueiro)
- 9) José Nava (Gil Navarra)
- 10) Roberto de Alencar (Benjamim Cajuí)
- 11) Francisco Ferreira do Vale (Flávio Boicininha)
- 12) Artur Teófilo (Lopo de Mendoza)
- 13) Cabral de Alencar (Abdul Assur)
- 14) Eduardo Sabóia (Brás Tubiba)²

O artigo 35 do Programa anunciava para breve, como vimos, a publicação de um

foram editados todos em 1892, e por esse depoimento de Sales logo vemos a pura intenção de troça que movia os *padeiros* nessa época.

Todavia, não nos parece tão cheio de humor o editorial com que *O Pão* se apresentou ao público, em 10 de julho de 1892; se Adolfo Caminha, ao falar nas suas *Cartas Literárias* (1895) contra a reorganização da *Padaria*, tivesse sob os olhos esse artigo, talvez não houvesse feito tantas restrições ao *Retrospecto*, de 1894, que lhe pareceu excessivamente sério; principalmente se se lembrasse de trechos como estes: “O leitor conhece os estatutos da *Padaria Espiritual*? Naturalmente. Então, já devia estar à espera do jornal que prometeu criar, com o nome de *O Pão*. Eil-o com a mesma somma de direito com que os outros seus collegas percorrem o mundo inteiro (...) Não obedece absolutamente a sugestões extranhas, nem tão pouco toma a si o compromisso de agradar; em compensação, de modo algum ameaça hostilizar. Promette apenas uma cousa: dizer

sempre a verdade, doa esta em quem doer”.

Mas é claro que há graça nesse número, embora misturada a alguns versos tristes: usando seus nomes de guerra, vamos encontrar Álvaro Martins (Policarpo Estouro) com os redondilhos gaiatos de suas “Bolachinhas”, e Antônio Sales (Moacir Jurema) com seus “cúmulos”, enquanto Lívio Barreto (Lucas Bizarro) assina *O Naufrago*, poema de tons românticos, e, bem mais românticamente, Antônio de Castro (Aurélio Sanhaçu) canta suas desventuras amorosas em *Gélida*. Na *Sabatina*, Adolfo Caminha (Félix Gunabarino) distribui anedotas e alfinetadas...

Os *cúmulos*, a que já nos referimos, espalham-se por todos os números dessa fase, traduzindo bem o espírito de galhofa de seus autores. É o caso destes, assinados por M. (Moacir Jurema, isto é, Antônio Sales): “Cúmulo de habilidade de um violinista: tocar variações com um arco... iris”. “Cúmulo de dandysmo: pôr na lapella um botão de... ceroula”. Ou este, assinado por S. (Sátiro Alegrete, ou

Dolentes. Nesse poema, com que Lucas Bizarro mandava de Granja um pote de doce de caju para os companheiros, são citados, pelos nomes de guerra, além do próprio Lívio Barreto, Jovino Guedes, Antônio Sales, Tibúrcio de Freitas, Álvaro Martins, Sabino Batista, Ulisses Bezerra, Henrique Jorge, Luís Sá, Joaquim Vitoriano e Adolfo Caminha. Dessa composição de treze quadras, Leonardo Mota, em seu livro sobre a Padaria Espiritual, transcreveu apenas nove estrofes.

E vemos assim que Lívio Barreto, embora sendo um poeta de notas melancólicas, vez por outra abandonava a tristeza e compunha páginas humorísticas, estando assim portanto bem à vontade ao contágio sadio e jovial do Forno, ele, que, ainda na década de 80, escrevia crônicas espirituosas para o jornal *Iracema*, de Granja...

Presença de Simbolismo pelo menos na disposição gráfica dos versos, temos no poema *Órfã!*, de Anatólio Gerval (Lopes Filho), em heptassílabos, onde os tercetos são abraçados pelos quar-

tetos, fórmula oriunda de Baudelaire e largamente empregada por alguns simbolistas. Esse poema, dedicado a Tibúrcio de Freitas (Lúcio Jaguar), figura n' *O Pão* n.º 6.

3. *O Pão*, em tamanho maior

Reaparecendo no início de 1895, apresenta-se *O Pão* a partir do número 7, de 1.º de janeiro, em tamanho maior, e já trazendo a indicação de haver um Director, Antônio Sales, e um Gerente, Sabino Batista; posteriormente, além de Sales como Director, teremos Artur Teófilo (logo substituído por José Carvalho) como Gerente, passando Sabino Batista a Secretário. O que logo salta à vista, agora, é a presença dos nomes reais de alguns *padeiros*, ao contrário do que acontecia em 1892, quando apenas os criptônimos apareciam.

“Depois de uma ausencia que muitos talvez já considerassem eterna”, retornava o periódico, dizendo estar a Padaria Espiritual robustecida “pela aquisição de novos obreiros, estimulada pelos applausos que tem conquistado em todo o Paiz”.

terário, diz de Pápi Júnior que ele é um *gentleman*, pois “luxa como um parisiense, apesar de casado”, Antônio Sales (assinando-se M.) observa ser realmente extraordinário que o Sr. Pápi, casado e pai de filhos, “se dê ao luxo de vestir bem”, e assinala: “E nós, que não sabíamos que todo o cidadão casado tem a obrigação de andar na *fulapa!*”

Aludimos ao fato apenas para mostrar que a graça não abandonara as páginas d’*O Pão*.

Lopes Filho, que há muito publicara os seus *Phantos*, continua poetando o seu pessimismo finissecular, mas no dia 15 de março de 1895 (n.º 12), na mesma página em que se compara a um mendigo (pois do pedinte foge a Caridade, e dele, um Coração), expande sua veia humorística ao satirizar o poeta R.B.G.S., d’*A República*, num soneto que termina com uma rima inusitada: “Si o bardo não se cobre de laureis / É ótimo freguez para ‘A República’ / Pois deixa por soneto 2\$000”.

O n.º 17, de 30 de maio, é dedicado à memória de X. de Castro, falecido em 30 de abril, e de cuja autoria seriam editados nesse mesmo ano de 1895 os *Cromos*.

Lívio Bareto continua a divulgar seus versos simbolistas, como os de *Sombra e Luar*, que figura no n.º 16: “Ai, Santa! quantos pezares! / Ai, anjo! quanta amargura! // (E a sombra baila nos ares, / E a lua escisma na altura).” Entretanto, alguns *padeiros* atacam violentamente o Simbolismo nacional: é verdade que se trata já de uma represália a ataques vindos de fora, mas a nova escola é que afinal passa a ser o alvo das censuras dos nossos escritores. É o caso do artigo “Uma Agressão”, no n.º 18, em que A. S. (evidentemente Antônio Sales) investe contra Alves de Faria, poeta alagoano que pontificava na revista *Tebaida*, órgão dos simbolistas do Rio de Janeiro; como Alves de Faria falasse da destruição da *Padaria*, termina Antônio Sales o seu artigo neste termos: “Essa igreja simbolista ou cousa que o valha

de textos, em prosa e verso, falando de Lívio Barreto, que se finara em sua banca de trabalho, em Camucim, no dia 29 de setembro. Merece destaque especial a página escrita por Artur Teófilo, seu amigo de infância, página que seria transcrita na íntegra no prefácio que outro companheiro de folgedos infantis, Valdemiro Cavalcante, escreveu para os *Dolentes*, editados em 1897.

No n.º 29, de 1.º de dezembro de 1895, a secção *Carteira* revela um resto de humorismo que faz lembrar alguma coisa daqueles primeiros tempos do grêmio, quando os *padeiros* faziam ruidosos piqueniques nos arredores da Fortaleza...

O quarto capítulo de *D. Guidinha do Poço*, o futuramente famoso romance de Oliveira Paiva, é estampado no n.º 30, o mesmo número em que figura *O Sono do Coração*, de Lívio Barreto, belo poema inexplicavelmente não incluído em seu livro póstumo.

Faz-se então um hiato de nada menos de oito meses, e somente em 15 de agosto de

1896 aparece o número 31 d'*O Pão*, que agora se intitula *Revista de Litteratura e Arte*, e passa a ter Secretário, que é Sabino Batista. E Rodolfo Teófilo, que no n.º 18, de 15 de junho de 1895, havia publicado um trecho de seu romance *Os Brilhantes*, obra que seria editada no mesmo ano, publica, do 31 ao 35, ou seja, de 15 de agosto a 15 de outubro de 1896, excertos "de um romance em preparação", cujo título, a julgar pelos dois primeiros trechos reproduzidos, seria *História de um rapto*, mas que poucos talvez saibam que viria a ser o romance *Maria Rita*, lançado à luz da publicidade em 1897. Pensando justamente em escritores como Antônio Sales e Rodolfo Teófilo, que tiveram no grêmio incentivo para cada vez mais se dedicarem às letras, é que Dolor Barreira diria: "A influência que a operosa sociedade exerceu, no meio intelectual em que surgiu, foi, inquestionavelmente, benéfica e fecunda".⁷

Inicia-se no n.º 33 a secção intitulada *Cancioneiro Popular*, reunindo trovas

anônimas que sairão ainda nos números 34 e 36 (o último). O grande valor dessa pequena colheita, a cuja frente esteve José Carvalho, já foi ressaltado por quem melhor poderia fazê-lo, ou seja, Leonardo Mota, em seu livro sobre a Padaria Espiritual.

Assinale-se, na edição de 30 de setembro de 1896 (n.º 34), uma breve página de prosa escrita por um dos *padeiros* que não eram rigorosamente de Letras, mas de Artes: trata-se de *Ao Mestre*, em que Henrique Jorge, falando de Carlos Gomes, então recentemente falecido, revela haver, há já algum tempo, no Pará, tocado seu violino sob a batuta do grande maestro.

No derradeiro número d'*O Pão*, datado de 31 de outubro de 1896, a secção *Carteira* informa haver a Padaria Espiritual recebido, de Portugal, alguns poemas inéditos de Gonçalves Crespo, poemas que naturalmente o periódico iria acolher em suas páginas, se não houvesse cessado sua circulação. É ainda nesse último número que figura a longa e severa crítica com que Antônio Sales recebeu os

Prismas, de Rodrigues de Carvalho, trabalho que demonstra a intenção de Sales de combater não só as novidades simbolistas, mas igualmente as velhas notas românticas, o que estava bem de acordo com os estatutos da *Padaria*...

Raríssimos são hoje os números d'*O Pão*, e esta breve Introdução se fundamentou, predominantemente, em inúmeras anotações feitas há anos, quando consultamos a coleção de jornais do saudoso pesquisador Oswaldo Araújo.

Louvido por uns (Raimundo Correia chamou-o de "cintilante hebdomadário") e atacado por outros (certo C. S. Peixoto, n'*A República* de 4 de outubro de 1894, afirmava que *O Pão* era mal amassado, e até azedo...), o periódico dos *padeiros* é o retrato vivo e eloqüente das atividades da originalíssima agremiação nascida no Café Java, e que marcou sem dúvida um dos mais altos momentos da vida literária cearense.

É portanto das mais louváveis a iniciativa do Presidente da Academia Cearense de

Letras, Dr. Cláudio Martins, do Prefeito Municipal de Fortaleza, Dr. Lúcio Alcântara, e do Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará, Dr. Paulo Elpídio de Menezes Neto, de apresentar aos amantes da cultura esta edi-

ção fac-similada d'O Pão, documento precioso que acreditamos despertará o maior interesse não só dos leitores do Ceará, mas de quantos, em qualquer ponto do Brasil, hajam ouvido falar da Padaria Espiritual.

NOTAS

1. PROGRAMMA de instalação da Padaria Espiritual. Fortaleza, Typ. d'O Operário, 1892, p. 1 a 8. (Consultamos a edição original dessa obra graças à gentileza do bibliófilo José Bonifácio Câmara.)
2. MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza, Edésio, 1938, p. 19 e 21.
3. *Ibidem*, p. 77.
4. JUREMA, Moacyr. *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual*, a contar de 30 de maio de 1892 (dia de sua fundação) a 28 de setembro de 1894. Fortaleza, Padaria Espiritual Editora.

Typ. d'A República, 1894, p. 7. (A consulta a esta obra devemos-la à gentileza da pesquisadora Maria da Conceição Souza.)

5. *Ibidem*.
6. Figura no número 7 d'O Pão o conto *A Morte da Avó*, de Artur Teófilo, que, em outros números do periódico, publicará outras narrativas, como *Tísica*, *O Exame Primário*, *O Caso do Sargento*, etc.
7. BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza, Instituto do Ceará, 1948, v. 1, p. 173.

4. Bibliografia

- ARARIPE JÚNIOR, T. A. Movimento literário do ano de 1893. In: —. *Obra crítica...* Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, 1963, v. 3.
- AZEVEDO, Sânzio de. *A Padaria Espiritual (1892-1898)*. Fortaleza, Casa de José de Alencar, 1970.

- , *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Rio de Janeiro, 1980. Tese de Doutorado em Letras na UFRJ.
- BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza, Instituto do Ceará, 1948, v. 1.
- CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. Rio de Janeiro, Aldina, 1895.

- ELÍZA, Regina Cláudia Pamplona. *O Pão... da Padaria Espiritual*. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação de Mestrado em Letras na UFRJ.
- JUREMA, Moacir. *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual*, a contar de 30 de maio de 1892 (dia de sua fundação) a 28 de setembro de 1894. Fortaleza, Padaria Espiritual Editora, Tip. d'A República, 1894.
- LINHARES, Mário. *História literária do Ceará*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, Rodrigues & Cia., 1948.
- MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza: Edesio, 1938.
- O PÃO... da Padaria Espiritual. Fortaleza, 1892, 6. n. nesta 1.^a fase.
- O PÃO da Padaria Espiritual. Fortaleza, 1895/96, 30 n. nesta 2.^a fase.
- PROGRAMA de instalação da Padaria Espiritual. Fortaleza, Tip. d'O Operário, 1892.
- SALLES, Antônio. História da literatura cearense. In: GIRAÓ, Raimundo & MARTINS FILHO. *O Ceará*. Fortaleza, Ed. Fortaleza, 1939.
- ... *Retratos e lembranças*. Fortaleza, Waldemar de Castro e Silva - Editor, 1938.

Sânzio de Azevedo
Da Academia Cearense de Letras

O PÃO

DA PADARIAESPIRITUAL

ANNO I

O PÃO

NUM. I

... da Padaria Espiritual

Numero avulso 60 rs.
Não se acceptam assignaturas.

Numero anterior 100 rs.
Não se accepta collaboração.

O PÃO

Fortaleza, 10 de Julho de 1892

O leitor conhece os estatutos da *Padaria Espiritual*?

Naturalmente.

Então, já devia estar á espera do jornal que prometteu crear, com o nome de *O Pão*.

Eil-o, com a mesma somma de direito com que os outros seus collegas percorrem profusamente o mundo inteiro

O seu programma é muito simples: transmittir ao leitor com a maior exactidão o que sentee o que pensa a *Padaria Espiritual* sobre tudo e sobre todos.

Não obedece absolutamente a sugestões estranhas, nem tão pouco toma a si o compromisso de agradar: em compensação, de modo algum ameaça hostilisar.

Promette apenas uma cousa: dizer sempre a verdade, doa esta em quem doer.

Não promette ser eterno; deseja, porém, viver o mais que for possível.

Por convenienciã economica de tempo e dinheiro, somente aos domingos se publicará *O Pão*.

É escusado, portanto, observar que não podemos absolutamente dispensar o seu auxilio, comprando por 60 réis um n.º de cada edição.

PELO PRADO

Vão em muito bom caminho os preparativos para a proxima inauguração do Prado Cearense.

Entre os animaes que se acham inscriptos alguns têm-se revelado excellentes corredores, faltando-lhes apenas a presteza em sahir a tempo e a docilidade de rédea para adaptarem-se á curva da raia.

Uma multidão alegre e variegada afflue pará ali nos domingos á tarde afim de assistir aos cotejos e corridas de experiencia, nas quaes alguns rapazes têm feito proezas de equitação.

Já apparecem bonitos vestidos de onde emergem rostosinhos encantadores que espiam curiosos para a raia do alto da balaustrada do Pavilhão.

Pensamos que este divertimento predilecto das grandes cidades vai ter entre nós o maior incremento e cairá gostosamente no gôto de nosso povo, que, antes de ter noticia dos prados de Paris, de Londres e do Rio de Janeiro, já fazia as boas *cavalladas* de que os velhos nos falam com saudade.

Em nossa proxima edição falaremos minuciosamente a respeito do Prado, dando o numero dos animaes inscriptos, seus nomes, seus donos etc.

Tu não tens conhecimento
De cousas de sugestão,
Mas sabes meu pensamento
Quando eu pego em tua mão....

M.

BOLACHINHAS

Leitoras, o pão (jornal)
Que está na ordem do dia,
Vae ter uma freguesia
Enorme, na capital.

Com tudo, a população
Pode na terra viver,
Porem passar sem comer ...
Leitoras, isto é que não !

Por isto é que o nosso pão
Sendo tão extr'ordinario,
E' hoje o mais necessario
A' toda a população...

Pão—é vida ; pão—é gozo
Pão—é germen da alegria,
E' fructo mysterioso
Da árvore da sympathia.

Pois é com pão (salvo seja)
Meninas, com que se faz,
A hostia com que na igreja
Dos peccados vos... limpae !

Trabalhai, pois, pelo pão,
Queridas leitoras minhas,
Que eu vos dou as Bolachinhas;
À cinco... por um tustão ;
Prestai auxilio e razão,
A' nossa aggremação
Ao nosso grande ideal ;
Que no fim desta campanha,
Podemos, a vosso lado,
Vos mostrar o resultado
Da massa... espiritual !

POLYCARPO ESTOURO.

Dialogo entre um Padeiro e uma moça :

—Qual é o preço d'O Pão ?

—60 reis, minha senhora.

—Oh ! E' muito caro ! Pois não vê logo que não dou meus tres vintens pel'O Pão ?

—Ah ! E' porque V. Exc. não temfome !

POR QUEM SÃO !...

Muito amavel recepção teve a *Padaria Espiritual* por parte dos collegas d'*A Republica*, do *Diario*, do *Operario* e do *Silva Jardim*, que fez uma delicada e espirituosa critica ao nosso programma.

Clovis Bevilacqua teve a gentileza de dirigir-nos a seguinte carta :

Cidadão MOACYR JUREMA

Agradeço-lhe cordialmente a remessa dos estatutos da *Padaria Espiritual* e affirmo-lhe que estou prompto a concorrer para o desenvolvimento dessa intelligente associação, cujo nascimento annuncia as phosphorescencias de um espirito fino e causticante.

Brevemente farei a remessa das obras e folhetos que tenho publicado.

Do P. e amigo

CLOVIS BEVILAQUA

D'A *Provincia* do Recife :

Recebi hontem dous officios : um do Exm.º Sr. Governador do Estado, communicando-me haver nomeado diversos cavalheiros" para auxiliarem a commissão nomeada em 2 de Setembro findo para animar e preparar cidadãos deste Estado a concorrerem com objectos e artefactos que figurem na exposição *The World's Columbian Exposition*" e outro de Moacyr Jurema, 1.º Secretario da *Padaria Espiritual*, pedindo-me para que secunde aquella aggremação "moral e materialmente, recommendando-a em todos os circulos de minhas relações".

Quanto a Moacyr Jurema, o que mais posso fazer em beneficio da *Padaria Espiritual* do que aqui transcrever na integra todos os artigos dos seus Estatutos ?

(Segue-se a transcrição do programma de instalação da Padaria.)

Eis uma sociedade, em que de balde se procuraria um simples figurante da vida.

Todos os membros, da *Padaria Espiritual* tem espirito, espirito fino, bom, affectuoso, que faz coegas e provoca risos, sem maltratar, sem vilipendiar, mesmo o que é banal e chato.

Em todo o programma, traçado com tanta *véve* e tanto *humour*, noto apenas uma falta: tirarem os *padeiros* o chapéu da cabeça sempre que se falla em Homero, Shakspeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar, e não se descobrirem diante das figuras magestosas de Cervantes, Raebais, João Paulo e Sterne!

O respeito a estes semi-deuses da comedia humana se impõe uma lei áquelles que possuem em alta dose o sentimento da proporcionalidade e da harmonia das cousas por entre as mesquinhas e monstruosidades, os desconchavos e os ridiculos do mundo.

ARTHUR ORLANDO

PADARIA ESPIRITUAL

Juntamente com o programma de instalação desta *Padaria* recebemos hontem a seguinte circular que passamos aos nossos leitores:

(Segue-se a circular).
(Do *Figaro*)

ESCOLAS

Nosso collega que exerce as funcções de *Olho da Providencia* anda verificando o estado das escolas publicas, das quaes nos occuparemos nestas columnas logo que elle termine as suas observações.

Parece que ha actualmente nesta capital mais escolas do que meninos...

Veremos o que *hai*

BILHETE POSTAL

Não te venho escrever; apenas venho dizer-te que vou bem, querida amiga: como posso escrever-te se não tenho uma só novidade que te diga?

Como posso fazer-te um bom desenho de alguma cousa que não seja antiga, se a minha musa traz o seu engenho cheio de tédio e cheio de fadiga?

Ando na espinha... Cá no meu bestunto em vão procuro a sombra de um assumpto que deixe a minha intelligencia farta...

Mes neste tédio em que hoje vivo imerso, não tenho idéa p'ra fazer um verso nem tenho phrases p'ra uma leve carta.

SATYRO ALEGRETE

Ceará, 92.

Authentico:

Uma destas manhãs chega á porta da *Padaria Espiritual* um molecote com uma cesta enfiada no braço.

—Que quer? pergunta-lhe um *Padeiro*.

—*Sá* dona M... dixe que mandasse meia pataca de pão.

Nosso collega soltou uma formidavel gargalhada e chamou a troça, que ria a bandeiras despregadas.

E como o moleque parecesse escandalizado:

—Menino, diga a sua patroa que só ha *Pão* aos domingos.

Sertaneja, se em teu rosto
Eu podesse dar um beijo,
Talvez que sentisse o gosto
De mel de inchuhy com queijo....

SM.

NAUFRAGO !

Eis-me naufrago e só na vastidão
Da praia desolada,
Aonde o mar—indomito leão
Esmaga a onda fria e angustiada.

Eis-me naufrago e só ! Aspero e frio
Corta-me o vento os hombros !
E o firmamento triste, ermo e sombrio
Tem a nudez inerte dos assombros.

Eis-me naufrago e só ! Como um lamento
Que sahe da escuridão de um subterraneo,
Vem-me nas azas tremulas do vento
O grito surdo, funebre, titaneo,
Que o mar solta do peito truculento
E a alma nós corta, agudo e subitaneo,
Como um flecha o azul do firmamento.

Eis-me naufrago e só ! A alma inda preza
Tonta da lucta, tremula,
De angustia chora, se ajoelha e reza !
E a onda—alma do mar, da nossa emula
Vemol-a forte rugitar e vemol-a.
Morrer na praia, onde o silencio péza.

Eis-me naufrago e só, triste, cançado,
Meditativo absorto !
Meu coração no peito angustiado
Precisa de carinho e de conforto !

Eis-me naufrago e só ! A ave que passa
Riscando o azul purissimo do céu
E sente as asas subito quebradas
Pela bala certa da Desgraça,
Talvez não sinta tanto como eu !

Eis-me naufrago e só ! Oh ! minha irmã,
Meu derradeiro altar immaculado !
Choro por ti á luz desta manhã;
E o pranto quente, doloroso, brando
E' o amor que da alma me rebenta quando
O coração estorce-se maguado !

Oh ! minha mãe ! Que sofrimento infinito
Quanta angustia cruel pezar e dó,
Sinto ao saber que tu me esperas rindo,
Sem presentir que estive succumbindo....

Eis-me naufrago e só !

Praia da Periquara, 29 de Junho—92
LUCAS BIZAFRO

BIBLIOTECHA PUBLICA

Concítamos o cidadão Governador do Estado a dar execução á petição que lhe dirigimos a respeito do horario da Bibliotheca Publica.

Este estabelecimento abre-se ás 10 horas da manhã e fecha-se ás 3 da tarde, como qualquer outra repartição.

Quem escreve estas linhas nunca transpoz o humbral da Bibliotheca, apesar do grande desejo e necessidade que tem de fazê-lo, porque está aferrado ás suas obrigações justamente ao tempo em que está ella aberta ao publico.

Vamos, cidadão Governador, seja razoavel, faça isto : mande abrir a Bibliotheca das 7 ás 9 da manhã e das 6 ás 9 da noute, e garantimos que ella será frequentada por muita gente que, á falta de occupação melhor, vai jogar bilhar na Maison e dominó no Java.

Faça o nosso pedido ; sim ?

O FRIO

Lá fóra a chuva tico, tico,
Desde seis horas a pingar ;
Pucho o lençol, a perna estico...
Que frio ! Ai ! Ai ! Si eu fosse rico....
Que tempo bom para casar !...

M.

FAMILIA SAUNDER

Em beneficio da familia Saunder, cujo operoso e estimavel chefe, pereceu no naufrago do *Alcantara*, dá hoje a sociedade dramatica União Militar um espectáculo no theatro de S. Luiz.

Um gracioso grupo de senhoras encaregou-se da passar os ingressos.

Aos distinctos rapazes da União Militar enviamos um hurrah unisono e entusiastico por esta generosa lembrança que vai levar um lenitivo aos soffrimentos da pobre familia estrangeira.

A RAMPA

A Rampa, a legendaria Rampa, de londrina e obscena memoria, está sendo calçada e illuminada.

Si aquelle muro preto do Gasometro falasse, certo teria que contar cousas pavorosas, historias nefandas, dignas de figurar nas paginas da *Pall Mall Gazette*.

A Rampa era a Rocha Tarpéa da prostituição ao pé da Avenida, que é o Capitolio da honestidade.

E desta para aquella só ia um passo....

Era tão facil rolar pelo sorvedouro abaixo !

Em cima a Avenida alagada de luz e sonorizada de musica, deixava se calcar pelos pésinhos ageis das virgens cearenses, que iam e vinham numa garulice de aves novas ; embaixo o vicio sórdido florescia na lama illusoria da treva....

A gente sentia-se impressionado ante aquelle boqueirão de treva, mysterioso e lugubre, aberto sobre o mar negro, que rugia como um leão no cio, estorcendo-se sobre o leito macio, fôfo e convidativo das areias brancas da praia.....

Mas a Civilisação vai accender ali os olhos dos combustores e.....era uma vez a Rampa.

A Sr.^a Camara Municipal queira receber os nossos cumprimentos.

Este nosso bcn querer
E' tão isento de mal,
Que nós podemos viver
Numa casa de crystal !

M.

Na Avenida :

—Já viste o Mardock sem bigode ?

—Não. Pois elle raspou o bigode ? !

—Raspou. E está horrivel ; parece o padre Guerra... á paisana,

MALACACHETAS

I

Ha pela casa um torpor
Que adormenta e que enfastia ;
Vem da cosinha um rumor
De caçarola que chia.

Na sala, uma moça esguia
Recorta papeis de côr,
Fazendo uma ninharia ;
Dorme um cão no corredor.

Na sua estreita gaiola
Canta alegremente um gola,
Na quenga tomando banho...

E embaixo um nédio gatinho
Olha para o passarinho
Como quem diz:—Si eu te apanho !....

MOACYR JUREMA.

ALMANACK DO CEARÁ

Em Outubro proximo entrará para o prélo um almanack do Ceará, organizado sob-nossa direcção.

O almanack dará o retrato e traços biographicos de algumas notabilidades cearenses e trará prosa e verso, descrições de curiosidades naturaes do Estado, lendas, superstições, episodios, anedoctas, emfim o diabo a quatro, tudo com a maior somma de espirito possivel.

Temos esperança de que o almanack será uma cousa no mesmo tempo util e desopillante.

Brevemente distribuiremos prospectos para assignaturas e estipularemos as condições para a publicação de annuncios, para os quaes haverá paginas especiaes intercaladas.

SABBATINA

9 DE JULHO

Longos, intermináveis e modorrentos os sete dias ultimos.

Consulto o meu sacreto e muito querido canhenho de chronista provincialino e quasi nada encontro nelle digno de figurar nas adoraveis columnas d'O Pão, a não ser o lamentavel caso do vapor *Alcantara* que um descuido verdadeiramente fatal e criminoso arremessou ás inhospitas praias de Piriquara.

É não está ahí, nesse facto talvez excepcional, toda uma chronica vibrante de opportunidade e interesse? Não está ahí uma tragedia inteira, um poema de lagrimas e agonias lancinantes?

Como não? O naufragio do *Alcantara* offerece abundante materia para numerosos commentarios e para uma seriissima discussão no correr da qual os contendores provassem á evidencia a nossa proverbial indifferença pelas cousas mais graves.

Excellentente assumpto, na verdade, mais proprio, porem, para um libello ou para um circumspecto artigo de imprensa diaria, do que para uma chronica hebdomadaria, leve, diaphana, onde cada phrase deve encerrar um conceito finamente chistoso e inoffensivo, uma chronica como devia ser esta que me propuz a escrever, cheia de humorismos bons e tonicantes, alguma cousa semelhante a uma pagina alegre de Jules Janin ou de França Junior, que a gente podesse saborear aos domingos, antes do almoço e depois do café matinal, de volta do banho, pelle fresca cheirando a sabonete inglez, espirito despreoccupado das cousas pesadas e graves; uma chronica, enfim, escripta ao correr da penna, sem pedantescos sermões doutrinaricos.

Isto, porem, que me vai sahindo da penna (não me refiro á tinta, bem se vê) não é propriamente uma chronica obrigada a relatar com a mais rigorosa exactidão todos os factos da semana,

inclusive as chuvas, os eclipses, o calor e o frio....

Quando me propuz a escrever a *Sabbatina*, tracei de antemão o seguinte conciso programma de mim para mim: Dizer a verdade sem offender ao proximo, escolhendo de preferencia os acontecimentos mais importantes da ultima semana.

Ahi tem o leitor.

Nestas condições, nada mais natural, nada mais acertado mesmo do que eu estrear com um naufragio, facto communissimo entre escriptores que estream.

*
*
*

Francamente, não sei qual mais culpado: si o commandante do *Alcantara*, que levantou ferro sem immediato ou piloto a bordo, si a Agencia da Companhia Marenhense, que consentio em sahir o navio nessas condições. Porque de duas uma: ou o commandante, deixando o porto sem immediato, dispunha-se a velar dias e noites defronte da bussola, e neste caso seria o unico responsavel por qualquer accidente, ou então, compenetrado da enorme responsabilidade que lhe pesava, devia recusar-se a fazer a viagem em taes difficuldades, sem a) menos levar consigo um auxiliar habilitado e pratico.

Ora, nenhuma das hypotheses agradei ao commandante do *Alcantara* preferio seguir só com o seu tedio e entregar a direcção do navio ao marinheiro estrabico que atirou-o ás pedras.

Por outro lado a Agencia não devia ter consentido em sahir o vapor sob a unica e exclusiva responsabilidade do commandante.

Ambos, portanto, commandante e Agencia, devem responder perante a justiça.

Ainda outra culpa, quiçá mais grave, recae directamente sobre o commandante do *Alcantara*, e é ter elle, no momento de maior perigo, abandonado

o navio quando deveria ser o ultimo a fazel-o.

Nenhuma rasão, absolutamente nenhuma, pode justificar tão insolito procedimento, pois é principio corrente em direito marítimo que o capitão ou commandante é o ultimo a deixar o navio nas conjuncturas do *Alcantara*.

**

Profundamente commovedores e lamentaveis os pormenores da catastrophe.

Emquanto alguém que devia achar-se a bordo consolando os afflictos e dirigindo a manobra assistia de terra, desassombradamente, cachimbando talvez, a immersão lenta do vapor que se espedaçava a golpes de mar, sob o sudario chrystalino das vagas, tres corpos humanos, arrastados pela correnteza, exhalavam o ultimo alento de vida: o engenheiro Saunders, a viuva D. Maria José e o pobre moço Alvaro Franca.

Quem deve responder por essas vidas? O commandante, somente elle, que descansava tranquillo sobre as areias da praia, indifferente á agonia despedaçadora dos naufragos.

Coração de hyena !...

**

Logo que a *Pudaria Espiritual* teve conhecimento de que seguira no *Alcantara* o *padeiro Lucas Bizarro*, vulgarmente apellidado Livio Barretto, deu-se pressa em tomar as necessarias providencias afim de que o nosso confrade, caso escapasse á morte, fizesse uma entrada triumphante nesta Capital.

Pobre *Lucas* ! Não fosse a protecção d'uma gentilissima ondina que o tomou nos braços e a estas horas o nosso *Lucas* estaria no ventre d'algum camorupim de longas barbatanas, d'algum cetaceo igual ao que conservou o legendario Jonas no bucho por espaço de tres dias.

Elle, porem, o *Lucas*, desceu lá

baixo ao reino encantado das perolas e dos coraes e trouxe-nos, dentro d'uma concha nacarada uma joia esplendida que elle guarda e acata como uma verdadeira reliquia sagrada; refiro-me á poesia *Naufrago* ! ultima producção do *Lucas*, uma perola de inestimavel preço hoje cravejada n'O *Pão* como prova de nosso bom gosto artistico.

FELIX GUANABARINO.

Cumulos.
De pericia de um occullista—extrahir as cataractas... do céu;
De paixão pelo fumo—por no cachimbo o fumo... do chapéu.

M.

CONFITOS

I

Alfredo conhecia desde muito a *Celina*, um desses raros typos de loura, de olhos azues contemplativos, bocca, em botão de papoula, ar um tanto grave adquirido num collegio de irmãs de caridade, onde estivera até moça feita.

Alfredo começou a cumprimentar *Celina* não sei porque motivo: creio que depois de ter-lhe apanhado no Passeio o leque, que cahira.

Nosso amigo trabalhava incessantemente para chegar á fala com *Celina*; alvo para onde convergiam todos os seus sonhos de moço, todas as suas esperanças no futuro.

Mas não havia meio. A menina quasi nunca apparecia nos salões e não tinha um irmão nem um parente qualquer que servisse de escada para elle chegar até ella.

Alfredo contentava-se em fazer-lhe sonetos muito vagos e discretos, sem as iniciaes della depois da epigraphie, assignados somente com duas estrelinhas.

Um bello dia Alfredo foi convidado para uma festa em casa de seu amigo Julio Gomes, que havia chegado do Recife, bacharelado em direito.

Dançava-se a primeira valsa quando Alfredo entrou.

Celina lá estava—por signal que valsa com o Julio.

Emfim Alfredo encontrava-a !

Finda a valsa, tratou-se de organizar a quadrilha.

—Oh Julio queres arranjar-me um par ? disse Alfredo.

—Pois não. Vais dançar com a minha noiva.

E enfiando o braço no braço do Alfredo parou diante de Celina, dizendo-lhe :

—Celina, dança esta quadrilha com meu amigo Alfredo.

Finda a quadrilha, que lhe pareceu mais comprida do que um discurso comprido, o rapaz fez sentar seu par, tomou o chapéu e escapou-se furtivamente.

Pobre Alfredo !

MOACYR.

COMPANHIA DE ZARZUELAS

Não pedimos alviças aos nossos leitores porque nosso collega d'*A Republica* já andou adiantado.

Em todo caso damos-lhes parabens pela proxima vinda da Companhia de Zarzuelas, que actualmente trabalha no Maranhão.

A acreditar, como acreditamos, nos elogios da imprensa maranhense, a companhia está no caso de agradar ao nosso publico, que, coitado, já perdeu de memoria a ultima temporada lyrica que a sorte lhe propoçiona u.

Que venha a companhia de Zarzuelas ! Mas que venha logo, pois estamos aqui num pé e noutro...

ERNANI CLUB

Deliciosa a festa do Ernani Club realisada esta noite nos salões do Club Iracema.

Gentilmente convidados pela respectiva Directoria, lá estivemos, inundando-nos de olhares tepidos e fulgurantes, ouvindo vozes cariciosas, sentindo o contacto de mãos macias como arminho, embriagando-nos emfim dos effluvios que jorram da alma da mocidade como o aroma de um botão que desabrocha...

Rapazes do Ernani Club, toquem !

Tamanho calor me invade
Si o teu lhar me dardeja
Que ao vel-o tenho vontade
De tomar banho... de Igreja

M.

BIBLIOTECHA DA PADARIA

Numerosos e valiosos presentes de livros e revistas temos recebido para a nossa Bibliotheca.

Entre os amaveis offertantes contam-se diversas senhoras, que assim exprimem sua preciosa sympathia pela nossa aggremação-

Incitamos nossos leitores a seguir tão bom exemplo, e promettemos que logo que esteja no caso, nossa Bibliotheca será franqueada ao publico.

Mandem-nos livros, do contrario somos obrigados a usar de certos meios de que falamos nossos estatutos...

Livros que saiam !

O PÃO

Pedimos desculpa aos nossos leitores si este numero d'*O Pão* não sahe tão nitido, queremos dizer tão bem amassado e assado como desejavamos.

No proximo numero introduziremos algumas reformas que tornarão *O Pão* mais grato delicado paladar do publico.

Typ. d'O Operario.

O PÃO

NUM. 2

... da Padaria Espiritual

Numero avulso 60 rs.
Não se acceptam assignaturas para capital

Numero anterior 100 rs.
Não se acceptam collaborações.

AVISO

Para attender a pedidos instantes, resolvemos acceptar assignaturas para o interior a 2.000 rs. por trimestre.

NOTA : o pagamento será adiantado.

O PAO

Fortaleza, 17 de Julho de 1892

SABBATINA

16. DE JULHO

De longeem longe quebra a monotonia insupportavel da vida cearense o ruido estimulante e benefico de um acontecimento excepcional, o echo atordoador de um desastre ou de uma victoria; e todas as attentões, todas as vistas voltam-se por um momento para o logar onde, para o theatro do phenomeno ou para a causa em si para a victoria ou para o heroe.

Que celeuma! Que alvoroço, de tarde, á porta das boticas, quando os senhores burguezes, de pança cheia, arrotando carne cozida e palitando os dentes, reúnem-se para thesourar o reverendissimo proximo!

Deixem lá; foi um verdadeiro successo o apparecimento d'O Pão na arena jornalística.

A pequena capital cearense, habituada ao aluf, á secco e á politica, e celebrada pelo irreprehensivel alinhamento de suas ruas, estremeceu, como alguém que accorda de um pesadelo enorme.

Onde vamos parar com isso? dizem donas de casa ouvindo apregoar O Pão a 60 réis. — A manteiga está a 2\$800, o café subiu a 2\$000, e agora é o pão que sobe! Isso não pode continuar.

..... l'stava um dia esplendido para cavalhadas e passeios bucolicos. A luz penetrava todos os recantos; o céu parecia uma saphyra colossal, sem mancha, cortada por frechas de ouro que vinham do sol...

Beatas voltavam da missa. Bimbalhavam sinos.

Seriam 8 horas quando se ouviu o primeiro grito, fino, estridente:

— O Pão a 60 réis:

A burguesia damnou: que eramos uns idiotas *sem eira nem beira*, uns pilintras sem letras nem dinheiro: que isso de *Padaria Espiritual* é uma especulação como outra qualquer, como a emissão de vales, por exemplo, ou como a loteria do Ceará: finalmente, que era um desaforo tocar a musica as oito horas da manhã, em pleno dia, de frente da tal *Padaria*, accordando o publico a toque de caixa!

Em uma palavra: os senhores burguezes disseram de nós o que Caiphaz não disse de Jesus.

Isso porem, é preiso assegurar,

não nos incommodou absolutamente; ao contrario, deu-nos, muito prazer e nos proporcionou boas gargalhadas, porquenos outros, *padeiros espirituais*, sem contestação rapazes bem intencionados e amigos dos nossos amigos, desejamos precisamente isto: o successo, o ruido, a movimentação, o estímulo, a vida, enfim, sem tons de tristeza, sem odios e nem paixões vis, e por isto mesmo, sentimo-nos deliciosamente bom ao escrevermos *O Pão*, ante a colera injusta dos senhores burguezes, longe, bastante longe do; olhar obtuso e ameaçador de Javert, aqui, em o nosso confortavel e typico forno, onde diariamente, á noiteinha, fabricamos tão boas pilherias, sonetos adoráveis, phrases sentillantes e vaporosas como o fumo de nossos charutos, e muita cousa mais inoffensiva.

Aquelles que, duvidando das nossas boas intenções, julgarem-nos uma sucia de estouvados, uns estroinas, sem responsabilidade e sem criterio, ouçam :

A capital do Ceará, encantadora como uma perola do Oriente, bella como a conheceis, é, entretanto, uma cidadezinha soffrivelmente atrasada com laivos de civilisação. Si temos duas livrarias, em compensação não lemos livros que prestem. Para matar o tédio que nos mina e consome a existencia, somos obrigados a ir, ás quinta-feiras e aos domingos, alli ao Passeio Publico exhibir a melhor de nossas fatiotas eo mais hypocrita e imbecil de nossos sorrisos.

Não vivemos—vegetamos.

Na falta de um divertimento bom que nos deleite o espirito e nos faça vibrarem os nervos, occupamo-nos de politica, mas d'uma politica torpe, reles, suja, indigna de ser tocada por mãos que calçam luvas de pellica.

Temos, é certo, dois clubs choreographicos que se abrem uma vez por meza todo cidadão que calça burzequins; porem, é força confessar, a vida não consiste exclusivamente em comer, procrear, dormir e dansar.

A litteratura e as artes são, por as-

sim-dizer, os melhores tonicos para o espirito.

A *Padaria Espiritual* é, pois, (não vos escandalizeis) uma instituição utilissima, tao util quanto a Sociedade de S. Vicente de Paula, tão necessaria quanto o Instituto Historico e geographico; e *O Pão*, cujo apparecimento foi causa de tantos commentarios injustos, é nada mais nada menos que o vehiculo das nossas idéas, o archivo hebdomadario dos nossos pensamentos, das nossas palavras e das nossas obras.

* *

Aqui tenho, defronte de meus olhos, uma prova inconcussa, palpavel, do merecimento da *Padaria Espiritual*; é a carta anonyma de um senhor ou senhora (a letra é viril), que, picado de inveja, mordido de desespero, roído de ignorancia, atirou-se gratuitamente contra nós.

Um pulha, o autor desta pyramide litteraria.

Uma das mais futeis e ridiculas manifestações do despeito e da inveja desesperada é a—carta anonyma. (O Sr. V... cuja letra parece de varão, e cuja orthographia é de virago, veio confirmar o nosso auto-julgamento; isto é: que *O Pão* vale bem seus tres vintens. É a prova disto é que a procura foi extraordinaria. Como que a população em massa bradava no auge da curiosidade — *O Pão*, queremos *O Pão*, que estamos morrendo de tédio! A propria Sra. D. Burguezia (tirar chapéo!) comprou *O Pão*, mesmo a contra gosto, somente para ter a satisfação de nos chingar.

E a meninada corria por essas ruas de meu Deus, apregoando em: alto e bom som:—*O Pão a 60 réis!*

Milhares de curiosos e admiradores da *Padaria* invadiram o forno solicitando *O Pão*, supplicando *O Pão* por amor da Arte.

Uma cousa indescriptivel, sem nome, inqualificavel, extraordinaria, exce-

pcional.... assombrosa--o apparecimento d'O Pão.

Era bello de ver estes moços (os *pa-deiros*) rubros de enthusiasmo, lepidos, alegres, sadios, de papoula ao peito e sorriso nos labios, a dobrar jornaes, numa dobroureira pittoresca, felizes como si estivessem commettendo a acção mais nobre do mundo, emquanto lá fóra, a musica executava trechos saltitantes, e o azul immaculado do céu cearense communicava-se mysteriosamente ao coração dos que assistiam cá embaixo, embasbacados, a alegre victoria da mocidade sobre o velho ideal d'aquelles para quem a vida consiste unicamente nisto: --*ganhar dinheiro!*

FELIX GUANABARINO.

Como segue o gyra-sol
A marcha do rei dos astros,
Assim te sigo de rastros,
Porquetu és o meu sol.

M.

AS CALÇAS

Parece incrível, mas é verdade e verdade dura de roer: No dia da distribuição do 1.º numero d'O Pão um gatu-no, aproveitando-se da confusão que reinava na Padaria, passou os gadanhos num par de calças do nosso collega Sattyro Alegrête, um magnifico par de calças de cheviotte, que, por signal inda não estavam pagas!

Em que paiz estamos nós? Pois rouba-se assim a um pobre rapaz que está em vespera de ser pai de familia o unico par de calças decentes que elle possuia?!

Que diz a isto a policia?

O Alegrête, que era tão alegre, como seu nome o indica, anda numa tristeza que já nos inspira cuidados...

O pobre rapaz ha oito dias não vai á casa da pequena, que já niandou lhe o seguinte bilhete: *Mando-li diste que sstou muito triste porque você não quê*

mais vim aqui. Sua criada—M.

Imagem como é desesperada a situação do nosso collega.

Para onde vamos com tanto descalabro? Será crível que fique impune o seclerado que a estas horas anda talvez fazendo figura nos chinfrins do Oiteiro, emquanto a victima chora a sua desgraça, mettido numas tristes calças pardas?

Nós não podemos ficar inertes diante deste escandalo e dirigimos ao governo este ultimatum: Ou consigna-se no orçamento verba para o Alegrête comprar umas calças novas, ou declaramo-nos em franca e decidida opposição.

Oh! tempora! Oh! mores!

Contemplo o roseo botão
Que tens no collo... Depois
Imagino os outros dois
Que sob o corpete estão...

M.

CLUB I DE JULHO

Com esta denominação fundou-se nesta capital uma sociedade dramatica, que estreou esta noute no S. Luiz com um espectáculo em beneficio da sociedade litteraria *Silva Jardim*.

A' hora que entra para o prélo a nossa folha ainda nada podemos dizer da representação.

Agradecemos o amavel convite que nos foi dirigido.

POR QUEM SÃO !...

Nosso respeitavel collega do *Jornal do Brasil*, um dos mais importantes orgãos da imprensa fluminense, teve a amabilidade de transcrever quasi todo o programma da Padaria Espiritual, precedendo-o de um appello á attenção de seus leitores.

O *Jornal Commercio* deu noticia laconica mas amavel a nosso respeito

PARQUE DA LIBERDADE

Ha por ahi alguém que não traga no recondito do coração a sagrada recordação deste recanto bucolico, proprio para creaturas que se amam, se bejuquem? Não. Pois bem, O PÃO, o jornal que ha de ser o iniciador de todas as grandes idéas e o defensor de todos os principios sãos, vai expor, por alguns segundos o estado em que está este formoso Parque, o mais delicioso retiro para os namorados felizes

Após a inauguração, o povo, tomado de justo enthusiasmo, affluia para ali em ondas, a espaiar-se á beira do lago, onde vagavam botes cheios de moças, aos sons dulçorosos de uma musica bem executada. Nós mesmos que escrevemos estas linhas ainda temos a imaginação povoada da imagem da adoravel creaturinha por quem morriamos de amores e ainda sentimos as sensações amollentadoras daquellas carnes brancas e perfumadas, de rijeza marmorea, que tantas vezes fizeram-nos perder a cabeça.

Hoje, abandonado e triste, tem o aspecto tetrico de um cemiterio de aldeia. e ao passarmos por ali sentimos o coração contorcer-se dolorosamente.

Já não apparece mais ninguem por aquellas paragens onde reina a paz silenciosa dos sitios *mal-assombrados*.

Não sabemos a razão porque o abandonaram, porém cremos que o governo, para bem servir aos seus governados, devia dar vida ao Parque, mandando aos domingos a musica tocar das 5 ás 7, como fazia-se em tempos que não vão muito longe.

Cumulo de habilidade de um violi-
lista: tocar variações com um arco...
iris.

Todo dia quando eu passo
pela casa em que tu moras
desejo dar-te um abraço
que dure ao menos... tres horas.

M.

S.

LIVRA !

Ella escreveu — dizendo ao namorado que a procurasse, á noite, na janella, á hora em que *papae* está deitado, e que batesse á porta com cautella---

O D. Joao não fázou e ao vêr a bella fremente de paixão e de cudiado. louco de amor, pensou estar com ella n'um céu aberto, todo, constellado...

No melhor do namoro o pae austero surgiu armado de um *fucá* bem-grosso, e o triste, pernas para qué vos quero...

Causou-lhe a apparição tanto alvoroço, que o destino imitando de Ashavero ainda a estas horas corre o pobre moço !
Ceará-92.

SATYRO ALEGRETE.

Recebemos um elegante folheto tractando das Colonias Industriaes destinadas á disciplina, correcção e educação dos vagabundos regenerados pela hospitalidade e pelo trabalho.

Ora, ahi está um livrinho que devia ser espalhado nesta terra tão profusamente, pelo menos, como a grammatica do professor Sobreira.

Sim, por que isso de vagabundo aqui é fechar os olhos e pegar um.

Recommendamos aos nossos leitores este excellent folheto.

Tua bocca rosea e sã,
pegajosa como lacre,
tem o gostosinho acre
do bago de uma romã

S.

Entre um padeiro e uma moça :

—Sabe? Não li o 1.º numero d'O

Pão.

—Porque, minha senhora ?

—Porque não gosto de pão sem manteiga.

Veja v. exc. o que são gostos ! Eu só como pão com manteiga estando com um jejum de oito dias, pelo menos.....

CONFEITOS

II

Era uma vez um colibri esguio como teu dedo mínimo, inconstante como o teu pensamento e que levava sua rica vidinha a regalar-se do nectar de quanta flor encontrava pelos jardins da cidade.

Nunca se viu uma creaturinha mais volúvel do que esse colibri!

O ingratinho levava o seu descaramento ao ponto de beijar quasi ao mesmo tempo as duas, tres e quatro rosas do mesmo galho que, coitadas! estremeciam de amor ao voluptuoso contacto de suas azas de azeviche.

Havia entre as flores terríveis scenas de ciúme por causa do colibri!

Uma vez uma papoula teve tanta raiva duma dhalia, que de côr de rosa que era tornou-se vermelha como lacre.

Outra vez um rosa foi tão cruelmente despresada pelo colibri que encheu-se de gottas, que não eram de orvalho, como poderás suppor, mas de pranto... Juro-te que eram de pranto.

Quanto a rosas que se despetalaram antes do tempo, loucas de paixão, isso não tem conta!

Mas nosso minúsculo D. João bem se importava com essas tolices, que só lhe mereciam um risosinho de escarneo, um risosinho quasi imperceptível, mais subtil do que a nota extrema da gamma descendente de um violino....

Ninguém sabia onde era que o colibri dormia.... O que é certo é que de manhã muito cedo já elle andava a esfusiar pelo jardim, irrequieto, rutilo, febril, destribuindo nababescamente beijos á direita e á esquerda.

Uma occasião em que deixava um jardim em busca de outro, viu, ao passar diante de uma janella aberta, uma esplendida rosa num jarro collocado em cima do piano.

Aquella rosa impressionou-o de tal forma que elle voltou do meio do ca-

minho e veiu adejar diante da fresta da janella, olhando sequiosamente para a grande rosa que lhe parecia tumida de seiva e trescalante de aroma....

Pensou em entrar... Mas não, era uma temeridade. E' tão facil um passarinho tomar uma espelho por uma porta e esmagar-se de encontro a elle!

Cançado de soster-se nas asas por tanto tempo, foi o apaixonado colibri— porque estava apaixonado o pobresinho— pousar no beiral da casa fronteira, sempre a olhar para a rosa, como que hypnotisado pelo esplendor das suas grandes petalas vermelhas.

Para abreviar a historia, te direi que depois de muitas horas de allucinada contemplação, o colibri resolveu-se a beijar sua querida rosa, custasse o que custasse, e calculando o rumo partiu rapido como uma flecha...

Mas ai! seu biquinho sequioso não encontrou um atomo de mel no calix da grande rosa, cujas petalas deixaram escapar ruido aspero de folhas seccas ao contacto de suas azas de azeviche.

E' que era de papel aquella rosa tão bonita, é que ella era falsa, falsa como teu coração, oh! minha querida leitora.

MOACYR.

Longe de ti, meu amor,
Morro de tédio e de magua,
Bem como morre uma flor
Posta num jarro sem agua...

M.

Entre um vendedor d'O Pão e um cego:

—Meu bem, me dê um pão, pelo amor de Deus.

—Qual! Você não encherça, e este PÃO come-se é pelos olhos...

Vem do banho.... E é tão formosa
Assim rorante e corada,
Que faz lembrar uma rosa
Numa manhã de invernada.

M.

ADORAÇÃO

Como ella é formosa adormecida assim no sofá estufado com a mãozinha de neve sobre os meus ultimos versos que lhe dediquei e que repouam agora em seu seio, bem sobre o coração! Suas brancas palpebras de lyrio cerra das docemente como uma concha, talvez ainda escondam amorosas a surpresa benedicta que os olhos apaixonados sentiram ante aquellas letras silenciosas.

¿ O que scismaria ella depois de o ter lido? São tão sinceras as minhas palavras!... E minha alma dictou-as com ella suspirando eu escrevi-as justamente quando o sol se encobria no horizonte com sua auréola vermelha e as aves recolhiam-se cantando na ramagem proxima!

! Dorme tranquillamente, tao serena tão bella! A lucida transparente de seu todo immaculado é a expressao vivissima da innocencia adormecida.

Virgem de olhos azues, encarnação da candura intemerata, nessa attitude de deusa fatigada, assemelha-se a uma visao intangivel e luminosa que nunca a profanação ousa tocar, inacessivel como a cupula alta e resplandecente do ceo para a qual so se ergueu olhares puros e os entos pensamentos:

Quero fital-a muito, sem a despertar. Sua pequenina bocca num sorriso brando, quasi fechada, parece esquivar-se de falar, como si seus delicados labios de eglantina se ferissem ao pronunciar o mais suave termo da linguagem terrestre.

Alva como a nuvem branca do outomno, loura como a nuvem doirada pelo sol do occaso, com o rosto para o ceo onde ha tantas estrellas, tanto brilho, parece querer dar á essencia de luz do universo um instante de dominio, enquanto estão cerrado os seus olhos fulgurantes!

Dorme ainda. Thesouro de meu seio, oh! minha flor! Que eu te veja, que o eme adore do fundo do coração,

porque és para mim uma imagem olympica e seductora, cheia de luz e de mysterios, és o meu idolo, a minha attracção, a alma da minha alma, o meu profundo amor.

Dorme ainda um momento e eu ve lando de joelho, nesta doce contem plação, espero pelo teu primeiro suspiro, pelo teu primeiro sorriso, pelo teu primeiro olhar.

MOGHAR JANDIRA.

O CASSINO

Em cumprimento ao art. XL do nosso programma vimos hoje levantar o brado de guerra contra o Cassino, esse casino lugubre que afeia e entristece o 1.º plano do Passeio Publico.

Aquillo, naturalmente, está cheio de almas do outro mundo, encarnadas no pello repugnante de alguns morcegos amistosos.

Ha casas predestinadas ao abandono.

Aqui ha uns tempos atras, o Abilo quiz dar vida ao Cassino, abrindo em seus salões aulas de esgrima, de gymnastica e patinação; mas a má estrella que presidia ao levantamento daquella casa fez em pouco tempo sentir sua malefica influencia, e suas portas fecharam-se para todo o sempre.

Fechado, silencioso e escuro como está hoje, o Cassino lembra as casas mysteriosas onde se reuniam as sociedades secretas dos romances de l'onson.

O Cassino é uma excrescencia que precisa ser extirpada.

Para chegar a esse resultado lembramos a seguinte idéa:

No domingo proximo compareçam no Forno da Padaria Espiritual, ao meio dia em ponto, todos os cidadãos que possuirem accções do Cassino.

Depois de servir-se num copo d'agua... do Bemfica, que corre por nossa conta, todos os accionistas sacam do bolso suas accções, collocam-nas em pilha no meio da casa, derrama-se por

cima um pouco de kerozene, risca-se um fosforo e... prompto

Findo este auto de fé, os accionistas, os Padeiros e todos os cidadãos que adherirem á idéa, armados de alviões e picarêtas e acompanhados de uma banda de musica, dirigem-se ao 2.º plano do Passeio.

Chegados ahí, canta-se em cõro a Marselheza e mette-se maos á obra.

Quando nao restar mais pedra sobre pedra, o Padeiro Polycarpo Estouiro, de pé sobre os destroços recitará com ar prophético e voz plangente umas estrophes analogas ao acto.

Em seguida dirigem-se todos em passciata ao palacio do governo afim de pedirem que esse dia seja considerado feriado em homenagem á Queda do Cassino; como é o da Queda da Bastilha.

Os accionistas que approvam esta idéa queiram communicar-nos por carta.

MALACACHETAS

II

Disse Ella ao ver-me passar:
"Mando a resposta a 1 hora"
São duas! E até agora
Nada da carta chegar!

Estou aqui a estalar!
Ancia febril me devora!
Não posso mesmo atinar
A causa desta demora!

Mas ouço bater... Emfim!
Exclamo de mim pra mim.
Vou para a porta a correr....

Mas, ai! Do lado de fóra
Pergunta uma voz sonora:
— Tem garrafas pra vender?

MOACYR JUREMA.

BOLACHINHAS

Hoje, irei, com certeza — lesto e cheio
Dos rumores monótonos do dia —
Para matar o tédio que enfastia,
Dar, á noite, um passeio na *Passeio*.

Imagino-melá; entre as delicias
Da multidão que cruza-se no asphalto,
Vejo passar um bando de patricias
Pela *Avenida*, conversando alto...

Outras vão garrulando jovialmente
N'uma alegria vivida e sonora,
Em quanto a luz do gaz crua e durmente
Zig-zagueia pelo plano afora ..

E, entre todas — dominando as galas
Das outras porque dizem-na a mais bella.
A grande rosa que abrilhanta as salas.
Que, quando passa, nós fazemos alas...
Nós... os rapazes que gostamos della...

Leva uma flor ao peito, e o labio ardente
Lembra uma flor mais lyrica e macia
Flor que desperta a posição latente
Daquellas carnes de mulher sadia.

O seu olhar, que é soberano e cheio
De luz que abraza, sem que acharma adoça
Lembra um pingente de crystal da Escocia,
No lactecencia virginal de um seio.

Amo-a! que todos os olhares quentes
Volvam-se, e sigam-lhe em dilirio os passos,
Para adorar as perfeições nitentes
Daquelles seios, e daquelles braços!

Amo-a! e quem pode, sem prazer, fital-a
— As suas formas triumphaes gloriosas,
Para nos estos das paixões sonhal-a
Nuas, n'um leito de laranja e rosas...!

Amo-a! e quem pode — na rixada louca
Daquelle labio de roman purpurea,
Nos gemidos monstruosos da luxuria,
Beijar-lhe os olhos e beijar-lhe a bocca?!

Pallida! a fronte virginal, sincera,
Vendo-a de preto, meu querido amigo,
Lembra a belleza de uma freira austera
Na sombra opaca de um convento antigo.

O seu labio de purpura, radioso:
Infinito, de perdidas paixões,
Tem—um como gemer luxurioso
De venenosas, loucas sensações...

E assim de preto, triumphal—domando
A propria furia a um oração tão forte.
Passa, entre tantas corações, deixando
Dentro de cada coração a morte.

POLYCARPO ESTOURO

Estava um reverendo, sentado á sua
porta, mettido numa camisola fresca,
muito embebido na leitura de seu bre-
viario, quando chega-se a elle um
camponio e pergunta :

—*Seu vigaro* não viu passar por
aqui um burro ?

O padre levanta a vista, atrapalha-se
e apontando para a estrada :

—Homem, eu estava aqui *vinchando*,
quando elle passou por ali *resando*.

Cumulo de dandysmo : pôr na lá-
pella um botão de.... ceroula.

M.

PELA AVENIDA

A Avenida esteve quinta feiro em
uma de suas melhores noites,

Tudo ou quasi tudo que a sociedade
cearense tem de mais encantador pas-
sava e repassava diante de nossos
olhos ao compasso das musicas ale-
gres que jorravam do coréto.

Nosso coração, que tem muita cousa
de paliteiro, deixava-se cravar por to-
dos aquelles olhares que chispavam
dentro os cilios dessas hespanholas do
Brasil vulgarmente conhecidas pelo no-
me de—irmãs de Iracema.

A^a luz fulva de nm combustor de,
globo vermelho, tomámos as seguintes
notas, que transmittimos aos leitores
d'O Pão:

G. V. Esplendida no seu formos-
simo vestito preto que dava um deli-

cioso realce a seu rosto marmoreo.

E. G. vestido de flanela branca com
vivos azues, aberto em pequeno decote,
que deixava apparecer uma nesga de
collo mais alvo, muito mais alvo que a
flanela...

D. B. Muito elegante em seu vesti-
vermelho rajado de branco—

M. V. Irrequieta e esbelta como uma
vespa. Vestido bisarro de cretone cin-
zento com quadros largos.

B. A. Vestido branco com palmas
côr de vinho. E aquelles olhos...

R. C. Saia cor de cajá e corpete
de ramagens' cingido nas espaduas
por uma fita rubra, cujas pontas ace-
navam como que dizendo—sigam-me...

A. F. Branca, de branco, parecia
uma estatueta de cêra, gorducha e en-
graçadinha.

A. M. Vestido cor de canna com pal-
mas violaceas. Muito elegante.

D. A. Vestido cor de nata emmoi-
durando-lhe as formas oppulentas.

R. F. Casaco branco, saia de chita.
Nada mais simples e nada mais encan-
tador, por ser quem era.

E não nos lembramos de mais nin-
guem.

O *Diario do Commercio* faz espiri-
tuosos commentarios a respeito da
Padaria e affirma que a litteratura a-
qui está mais adiantada do que na Ca-
pital Federal.

Devêras ?

COMPANHIA DE ZARZUELLAS

Estrêa hoje á noite no S. Luiz a
Companhia de Zarzuellas com as pe-
ças—*Chateau Margaux*, *Barrete phri-
gio* e *Tiple en porta*.

Apesar dos preços serem um tanto
salgados, tem sido grande a procura
de bilhetes.

Podera não !

Typographia d'O Oberario.

ANNO I

O PÃO

NUM. 2

... da Padaria Espiritual

Numero avulso 60 rs.
Nao se accitam assignaturas para capital

Numero anterior 100 rs.
Nao se accitam collaboraçao.
Amar e trabalho.

AVISO

Para attender a pedidos instantes, resolvemos accetar assignaturas, para o interior a 2:000 rs. por trimestre.

NOTA: o pagamento será adiantado.

O PÃO

Fortaleza, 30 de Outubro de 1892.

Artigo de fundo

(DO COMO SE EXPLICA
PORQUE «O PÃO» NÃO TEM
SAHIDO)

«O Pão» não reappareceu, como naturalmente dirá muita gente que, menos crente de nosso esforço e da seriedade do nosso compromisso, e percorrendo o rol dos vivos, já lhe tenha passado sobre o nome um largo e negro traço, enviando sinceras condolencias aos seus desolados redactores.

«O Pão» apenas dá hoje a edição do segundo n.º um pouco retardada, bem contra a nossa vontade, que é a melhor a desejar-se, e, temos razões para crel-o e permissão para affirmal-o, com profundo pesar de uma enorme somma de leitores que o apreciam immensamente.

E não se diga que vai nisso uma quebra de modestia de nossa parte, porque dizer a cousa como o couza se passa nunca foi quebra de modestia, falta, ou como melhor quizerem chamar.

Não é, entretanto, nosso intuito firmar nestas linhas um protesto contra aquelles em cujo conceito, «já não existia aquelle que em vida chamava-se «O Pão», roubado prematuramente á Patria e aos leitores.» Absolutamente não: por que, francamente, de outros fosse «O Pão», e este seria o nosso conceito—tal tem sido a sorte de muitos seus collegas.

Queremos apenas deixar bem accentuado no espirito do leitor que «O Pão» não sahio ha mais tempo por falta absoluta de typographia que o imprimisse, porque a todas que existem nesta terra pediamos que imprimissem «O Pão» e todas responderiam-nos que não.

Não é que houvesse da parte d'ellas o proposito de uma recusa a onosso modesto e bem intencionado jornal, que só tem por inimigos a burguezia; mas havia a deficiencia de meios com que satisfazer aos compromissos já tomados e imprimir «O Pão», —o que tanto monta

Não nos liquem, portanto, querendo mal os leitores, pela demora d'«O Pão» porque de modo algum para ella concorreremos, e aqui ficamos de penna em punho para vergastar sempre e sempre a burguezia boa... para desaparecer da face da terra.

—o—

N'uma audiencia apresenta-se um matuto como testemunha d'um furto de bo-de.

Pergunta-lhe o Delegado; o que sabe o sr. sobre o *facto*?

Eu... seu Dr., sobre o *fato* não sei nada, só posso dar noticias a V. S. sobre o cou-ro... foi o que vi.

O PARQUE DA LIDER DADÉ

Abandonado, completamente abandonado o Parque. Nunca uma palavra traduziu melhor um *facto*. Si duvidam, venham ver. Enfiem o palitot e cheguem até à praça onde elle *jaz*. *Campus ubi Troia fuit*.

Uma camisa suja ou uma bota rôtã não se deixa à margem com tanto desamor, como se fez com aquelle jardim publico, depois de gastas com elle dezenas de contos, depois de todo construido, cortado de avenidas regado d'agua e quando elle ia já abrindo a freseura de suas rosas no coração da cidade.

A sensação que se tem indo ao Parque não é lá muito aperitiva e refrigerante, não. Seria o mesmo que sentiríamos si atravessássemos um pedaço de floresta devastada por um incendio. Vivem allí apenas os capins entouceirados, uma ou outra arvore de decoração, as *boas noutes* solitarias, as parasitas eervas maninhas de todos os generos.

Apenas a ilhota do lago viceja fresca e virente de plantas vivas.

As aves aquaticas tem pios de lamento, grasnam de pura fome.

Tudo está allí inareado com o selo da aridez e da tristeza.

Nas plantas nem uma gotta de orvalho. Tudo estiola sobre a reflexão crua e implacavel da luz que dardeja do azul.

Os pavilhões, na atmosphera agitada e viva, tem recortes de tendas arabes em planicie deserta.

A agua do lago è esverdinhada

e opaca, sem arrepios, sem reflexos.

A hernatose, nos sorcos vivos, às horas altas do dia, torna-se allí impossível.

E' mais uma grêlha, do que um jardim aquillo.

Si houvesse, no entanto, um zelador intelligente e activo, encarregado de cultivar as plantas, regal-as, moldal-as, de cimentar e ensombrar as avenidas, de rasgar repuchos, abrir cascatas, bucolisar emfim tudo aquillo, que bonitinho e idyllico não seria o *Parque*, construido como está n'uma praça tão rica de perspectiva: uma egrejinha branca de agulha esguia flechando o azul; fachadas distantes de casas, agasalhadas n'uma meia penumbra de palmeiras finas; vegetações remotas de quintal engrinaldando pedacos de muros; recantos verdes de natureza; nexas de céu entre arvôres; trechos de serra aguarellados e esvabidos; com esta perspectiva esplendida que bonitinho e idyllico não seria o *Parque*, si houvesse um zelador intelligente e activo.....

* * *

E ia-me esquecendo.

O *Parque* tem um zelador.

Um dia d'estes fomos até lá.

Almas vivas encontramos uns patos e um velho.

—Meu velho, diga-nos uma cousa. Você sabe si ha alguem empregado aqui no *Parque*?

—Ha, sim senhor. O snr. *João Pedro* que é o zelador.

—E o snr. *João Pedro* ganha alguma cousa?

—Ganha, que este é o emprego delle.

—Então o zelador é o snr. *João Pedro*!!

Snr. *João Pedro* a *Padaria* tem a honra de comprimental-o.

Lucio Jaguar.

MALACACHETAS

III

Volta o vigario da Egreja.
São seis e meia. O povoado,
Como um pombo despertado,
A' luz solar se espaneja.

Pela praça, onde verdeja
O malapasto orvalhado,
Pastam as vaccas ao lado
De um novilho, que esbraveja...

Para o padre a uma janella
Vendo uma sua afillhada,
Que beija-lhe a mão, e ri...

Enquanto a irmazinha della.
Correndo p'ra dentro, brada...
Mamã, seu padestá aqui!

Moacyr Jurema

Cumulo de gastronomia:
Comer á sobrenesa uma
lima... de aço.

M.

Serrana de oihos azues.
primor das filhas de Eva,
despeja um banho de luz
sobre mim, que ando na treva...

S

Cumulo de perversidade:
Matar... o bicho

S.

CELEBRIDADES CONTEMPORANEAS

I

Debique

Seu involucro material não deixa transparecer as suas altas qualidades *moraes*:—cor vulgar, formas vulgares, ar bonanchão. Entretanto é o vulto mais saliente do Prado, apesar de sua primeira e recente derrota que collocou-o na posição de Lesseps depois da queda da empreza do Panamá.

Vão-lhe chegando os achaques da velhice; e dizem que tem tido hemoptyses...

Felizmente o quo tem ganho chega para o seu tratamento.

Porque o Rufino não o manda para a futura capital do Estado, tomar arcos e leite?

Querendo, forneço uma carta de recomendação para o João Paulino...

II

Fumaça

Branquinho como a fumaça de um bom charuto, esbelto e elegante como uma... vespa.

E' uma reputação feita. Póde deitar-se na *cama* porque já criou fama bastante para immortalisar-se.

Consta que o Arthur já falou com o Mané Coco para executar em marmore o busto do Fumaça, afim de collocal-o sobre a prateleira da pharmacia.

III

Pachá

Estampa soberba, pello de veludo branco, carrera imponenti,

—o Pachá poderia ser vantajosamente montado por Alexandre, Napoleão ou Osorio.

Durante muito tempo andou com a vocação tossida, puchando pachorrentamente o cabriolé do Alfredo.

Felizmente o Prado veio por em relevo o seu *talento*, fazendo-o entrar na verdadeira carreira, que é—correr

Comquanto já não seja muito *criança*, tem ainda diante de si um futuro brilhantíssimo e ha de com certeza passar... às estribarias da posteridade.

M.

CASSINO

Agita-se a idéa da demolição do Cassino, idéa consignada no art. XL dos estatutos da Padaria.

Antonio Bezerra, essa alma entusiastica de moço que contrasta com a encadeinação já um tanto roida pelas traças dos annos, essa alma que vibra como uma harpa eolea ao sopro de todas as idéas novas e boas, ha dias, pela columna livre d'«A Republica» soltou tambem seu grito de guerra contra o Cassino, que segundo a opinião de um dos nossos é—um abcesso nascido no baixo-ventre do Passeio.

Rasguemos esse abcesso a golpes de picareta, senhores accionistas!

Abaixo o Cassino!

Criança romantizada, teu olhar tem para mim a doçura assucarada de um pedaço de alfinin.

S.

A NORMALISTA

«A Normalista» será o livro com que em breve, Adolpho Caminha ha de fazer sua estréa no romance experimental.

Os seus ocios de empregado publico teem sido ultimamente consagrados todos a esse livro.

Será sua estréa porque "Judith" e "As Lagrimas de um Crente", publicados no Rio de Janeiro, foram apenas uma vaidade muito hem entendida de alumno talentoso, que ao concluir seo curso de "humanidade", achou que devia assignalar sua passagem pela Escola com alguma coisa mais do que uma estudantada ali qual quer, um livro, uma obra d'arte que em todo o tempo fallasse de sua cerebração.

Foi, pois, sob este impulso que elle escreveu seu primeiro livro às vespéras do exame, emquanto recordava os pontos esquecidos do programma. Com a mesma ponta de lapis com que ia resolvendo os theoremas e as equações esquecidas, foi elle, dia a dia, construindo os ingenuos e simples capitulos da "Judith".

Era uma vaidade a satisfazer que elle tinha. O livro podia pertencer a qualquer escola, isto, neste tempo para elle era coisa muito secundaria; o que o preocupava era que o livro fosse publicado n'aquelles dias, antes que a Armada contasse mais um tenente.

E foi o que se deu. Antes de um galão por seu brilho de lan-tejoula na manga da farda do official, já elle havia sido unguido com a santa unção da critica que

viu no joven militar um talento de eleição que desabrochava.

O caso agora é outro, porem: Caminha tem, como o poeta que a Revolução matou, a convicção de que elle vale, e precisa assignalar sua passagem, não já por uma Academia, mas atravez de nossa litteratura.

"A Normalista", o livro em que elle váe por ora empregando todos os seus recursos de artista virá confirmar o que deixamos dito.

Elle já tem bastante convicção social, aprendida nos homens e nos livros, para fazer uma critica conscienciosa da parte de nossa sociedade, que elle se propoz analisar.

A impressão deixada pela leitura do primeiro capitulo d'"A Normalista na Padaria, foi a melhor possível a favor do talento de Adolpho Caminha.

Que elle prossiga, que nós saberemos fazer justiça.

LUCIO JAGUAR.

—o—

No circo:

A uma moça muito admirada de ver o bode a cavallo, diz um bohemio:

— Que grande cousa! E' que a senhora então ainda não viu o dono do Condor montado.

—o—

Diz um jornal do Rio, de muito conceito, que a ultima opera do insigne maestro Carlos Gomes, *Christoforo Colombo* não é o que impacientemente esperava-se. — Eu digo que um pouco mais espere e... veremos.

CARTEIRA

Passando uma revista á nossa carteira, encontramos as seguintes notas :

Brevemente effectuar-se-á uma festa musical organizada pelo Jorge Victor.

Propositamente não adjectivamos este homem, cuja vida é um esforço continuo e inquebrantavel em prol da Arte.

Para essa festa arregimentou elle alguns amadores que vão deliciar-nos os ouvidos com alguma cousa mais delicada e mais artistica do que as walsas, as polkas e shottichs que fazem cabriolar os dançantes.

Entre dous padeiros :

— Parece-me que afinal, a Egreja está em perfeita harmonia com o Estado

— Como assim ?

— Pois não tens ouvido o relógio da Camara e o da Sé dando horas ao mesmo tempo ?...

Um domingo sem corridas, como este que hoje passa, parece-nos longo, enfadonho, maior que uma 5ª feira maior.

Que diabo ha de a gente fazer nestas cinco horas que costuma passar no Prado, tendo de um lado o jardim humano das archibançadas e do outro a raia com suas peripecias de victoria ou de derrota ?

Intimamos o João Carlos a não nos deixar mais passar um domingo sem corridas, do contrario mudamo-nos para Quixerambim.

« Ai, meu Jezus, que tédio !... »

E por falar em cavallos. Têm

voces visto a desanimação que vae pelo circo de cavallinhos ?

Pareceria incrível que o zé povinho desprezasse o circo si outro valor mais alto não se levantasse — o Prado.

A raia do circo é muito pequena e, demais, ali... não se joga !

Não posso classificar

A cor desses olhos teus :

— Não sei si são cor do mar,
— Não sei si são cor dos céos.
D.

O nosso querido camarada Luiz Sá, o insigne desenhista que todos conhecem e admiram, teve a infelicidade de perder ante-hontem sua filha, d. Antonia Sá d'Oliveira, casada com o sr. Joaquim H. de Oliveira.

Associamo-nos com toda a effusão d'alma ao pesar que alcança o coração de pae do nosso bom *Correggio*, enviando-lhe nosso abraço de pesame.

Uma mulher comparece em audiencia, por ter chamado um seu visinho cabrão.

— O Juiz : Então a Sr. prova como o Sr. X. é cabrão ?

— A Mulher : — *Seu Doutor*, eu chamei o seu fulano cabrão, porque quando elle era menino, chamavam-lhe cabrinha, quando elle ficou rapaz, chamavam-lhe cabra e quando ficou muito barbado, grande, gordo e que *se casou-se*, eu entendi que podia chamar-lhe cabrão... mas não foi porque tivesse visto alguma *tregedia* da mulher d'elle, não Sr...

Cumulo de acéio :

Tomar banhos de... Egreja.
S.

Contos O DIA AZIAGO

Ao PADEIRO-MOR
(Conto popular)

Isidro Mangue é o ultimo descendente de uma heroica e robusta geração de pescadores. Nasceu no Mucuripe, onde vivia seu pae, oriundo do Aracaty, o qual viera na secca de 45, buscar na Fortaleza os recursos que minguarão de todo naquella anno terrivel por todos os pontos da provincia.

Homens fortes e trabalhadores, nunca conheceram outro mister que a tarrafa ou anzol; e este ultimo, por certas rixas de sua esposa, mulher birrenta, deixou a pitoresca povoação de Mucuripe, seu berço e veio para a cidade estabelecer-se no arraial Moura Brazil, continuando sempre no afanoso labor dos seus maiores. E como lhe houvessem corrido de bem as *cousas*, de pobre pescador anzol, fez-se dono de jangada.

Mal rompia a aurora, lá se já elle ía em fóra, a pescar todos os dias da semana, excepto aos domingos, por ser dia do Senhor, e ás sextas-feiras, por ser um dia aziago e muito caipora.

Uma bella manhã, porem, numa sexta-feira, apesar de todos os rogos e conselhos da mulher, dispôs-se a ir ao mar, á pesca dos pargos que abundavam em magotes, lá para muito longe, prás bandas da *risca*.

Fôra bem succedido, e nunca em sua vida fizera tão abundante pescaria: os dois *samburás* da jangada estavam cheios, completamente repletos.

Isidro radiava de contente; e de volta já avistava sua mulher

no alpendre limpo da casinha branca, como sempre a esperava-o, de pé, nos dias em que elle ia ao mar. De repente, a meia legua da beira da praia, vê arreimessar-se á sua jangada um peixe monstruoso, que de guelras abertas, encarava-o com um olhar de fogo de verdadeiro demonio.

Pela primeira vez em sua vida aquelle homem forte teve medo, de morrer! e elle que estava tão acostumado a desafiar a morte nos furioses do mar e do vento, do trovão e do raio, pensou que era chegado talvez o seu dia; e subito teve uma idéa; lançar ao *monstro* o peixe que havia morto; e sel-o.

Aquillo porem não era peixe, era o *diabo*, era com certeza algu- tentação do *cão*. E depois de ter atirado á agua todo a pesca, sem mais uma *isca*, via sempre á sua frente o terrivel cetaceo, que investindo e dando rabanadas á jangada, olhava-o desesperadamente; e então esmorecido o pobre Isidro *emcommendou-se* á Deus, disposto a morrer.

Relanceando o olhar viu pendurada ao banco de pópa da jangada a cabaça em que elle costumava guardar as provisões, e teve uma ultima lembrança: deital-a ao monstro.

Arrolhou-a bem e atirou-a.

Mal cahiu n'agua a cabaça que fluctuava, o peixe botou-se a ella; e aos saltos do *monstro* a cabaça voava aqui e alli a flor das aguas.

Aproveitando este acontecimento que foi a sua salvação Isidro fugiu ao *bixo* e pode finalmente abicar á terra.

A mulher que esperava-o já, havia muito, vendo-o de cabellos em pé, os olhos esbugalhados, todo agitado, n'um tremor convulsivo, perguntou o que lhe havia acontecido. Elle depois de narrar to-

do o facto, ainda tremulo, benzeu-se, dizendo: mulher, sexta-feira é um dia *ziagua*; aquillo foi obrado *capeta* .. qual peixe, qual nada, aquillo com certeza era o *Cão*! Ao que ella tambem, benzendo se, acrescentou: não era peixe, era o *Cão*!...

Anatolio Gerval.

Correspondencia para um jornal de Francfort espalha que Verdi entregara a partitura de «Falstaff», anciosamente esperada, ao editor Ricordi. Juntamente diz que, em silenciosa paz, trabalha n'uma nova opera. Outro sim: que interrogado por um de seus amigos a esse respeito o projecto maestro «Aida» respondeu:

— «Que quer?» Não posso. É impossivel conservar-me inativo. «Falstaff prompto devia ser o meu ultimo trabalho.

Entretanto estou vivo e ainda me sinto bem: foi por isso que encetei nova obra.

— E qual será o titulo? perguntou o enteriocutór.

— O titulo, respondeu Verdi, só te direi quando descansar no ultimo compasso da partitura.»

E mais não disse...

BOLACHINHAS

Communico a toda gente
E mais ás leitoras minhas,
Q'estas nossas "Bolachinhas"
Que são dellas, não são minhas,
Hão de sahir brevemento.

Polycarpo Estouro.

SACCO DE OSTRAS

(MAXIMAS E PENSAMENTOS)

Uma mulher bonita e de mau coração é como a mangaba, que tem a polpa doce e o caroço amargo.

Moacyr Jurema.

Uma fabula de Lafontaine edifica mais a humanidade do que qualquer oração das *Horas Marianas*

José Marbyr

O nervo optico de um burguez tem sua raiz no estomago.

Satyro Alegrete.

O beijo está para o amor como a espoleta para o tiro.

Paulo Kandalaskaia

Um olhar de mulher é como um caco de louça brilhando ao luar a approximação tira-lhe todo o encanto.

Moacyr Jurema.

A egreja é a alfandega da eternidade.

Alcino Bandolim

Os filhos da raça latina são os Padeiros da humanidade.

Polycarpo Estouro.

Um homem que não sabe a lingua de seu paiz não merece ter lingua.

Wencesláo Tupiniquim

Um homem sem religião não tem direito de ser bipede.

y anatolio Gerval

ANNO I

O PÃO

NUM. 3

... da Paderia Espiritual

Numero avulso 100 rs.
Nao se acceptam assignaturas para capital

Numero anterior 200 rs.
[Nao se accepta collaboraçã.
Amor e trabalho.

AVISO

Para attender a pedidos instantes, resolvemos acceptar assignaturas, para o interior a 2:000 rs. por trimestre.

NOTA: o pagamento será adiantado.

O PÃO

Fortaleza, 6 de Novembro de 1892.

Artigo de fundo

(DO COMO SE EXPLICA O SUCCES-
SO QUE TEVE «O PÃO»)

Faltariamos ao mais sagrado de todos os deveres conhecidos e conhecíveis, si deixassemos de estampar na columna de nossa immediata e suprema responsabilidade o magnifico successo que teve o 2.º n.º d'«O Pão», graças á enormissima somma de seus apreciadores.

O successo que teve o 2.º n.º d'«O Pão» leitores, é, sem contestação alguma, o maior que tem tido até hoje a imprensa contemporanea, quer dizer a imprensa

vasada nos novissimos moldes da escola moderna.

Foi domingo ultimo, que hoje faz 8 dias.

Apenas os relógios da Sè e da Intendencia, com a vigilancia que lhes é proverbial, e n'uma cadencia de verso mal medido ou de soldado mal disciplinado, annunciavam aos povos que eram com precisão chronometrica 8 horas do dia, a Paderia Espiritual sahia encorporada do respectivo forno, sobraçando 2,496 exemplares do 2.º n.º d'«O Pão».

Após um curto itinerario feito em torno da praça do Ferreira, installou-se no Café Java.

Fazendo poncto de reducto d'aquelle popularissimo estabelecimento, os padeiros, cada um por sua vez e todos a um tempo, investiam n'uma avidéz de faminto a todo simples mortal que passava n'aquellas dependencias, e pediam-lhe que, por quem era, comprasse-lhes «O Pão».

E foi des'arte que duas horas depois... duas horas!.. achavasse completamente esgotada a edição de 2,496 exemplares do 2.º n.º d'«O Pão»!

E foi ainda d'esta arte que todas as pessoas a quem offerece-

mos «O Pão» o compraram da melhor vontade e com a maior gentileza, a excepção de dois burguezes que tiveram o inaudito desprante de o recusar; um pela imperiosissima circumstancia de não saber ler, outro por se achar muito azoinado de umas malditas hemorrhoidas.

E mais, leitores.

«A Republica» por sua vez não regateou o seu concurso em favor d'«O Pão». declarando do alto de suas columnas que havíamos lavrado um tento, dando um «Pão» com muita vérve, muito espirito, temperado enfim, apesar de ser de uma *panella* por muitos mechida.

Penhorados sobre-modo ao collega, sentimos apenas que sejamos obrigados a pedir-lhe uma ligeira corrigenda d'um engano de sua parte, que pode comprometter-nos. E' suppor que na Padaria existe *panella*, quando existe forno; mesmo porque em *panella* não se faz pão; faz-se "cuscús"

W. TUPINIQUIM.

—o—

Vestes de verde, formosa!
É nessa roupa faceira
Pareces uma roseira
De que teu rosto é a rosa.

A.

Entre duas moças :
— Quem passou na rua ha pouco?
— Foi um cavallo russo, de cauda aparada, muito esguio...
— Mas quem o montava?
— Ah! iaenina, não reparci!

SAGCO DE OSTRAS

(MAXIMAS E PENSAMENTOS)

O cylindro do prélo de um jornal politico é o rebêlo onde se afiam as navalhas da reputação alheia.

Moacyr Jurem a

* * *

A pança de um burguez é o principio de seu castigo.

Satyro Alegrete.

* * *

Beethoven, surdo, teve uma consolação — a de não ter ouvido estropearrem-lhe um trecho de musica.

Sarasat Mirim.

* * *

A Feira Velha é o Purgatorio dos pobres.

Anatolio Gernal.

* * *

O empregado publico teme mais um *cadaver* do que um cadaver.

Lucio Jaguar.

* * *

A missa é para o vigario um simples pretexto para matar o bicho.

Wencesláo Tupiniquim

* * *

Para os estragos causados por uma paixão o unico remedio é— outra paixão.

Alcino Bandolim

* * *

A lagrima da mulher é uma secreção como qualquer outra.

Paulo Kandalaskaja

Sabbatina

5 de Novembro

A Burguezia. Aqui têm os analysts da moderna escola, os dissecadores de viceras sociaes, um titulo interessante para um livro de effeito em que se fizesse a autopsia escandalosa e implacavel d'essa porção da sociedade que tem a coragem inaudita de nos perseguir, a nós, argonautas intrepidos, revolucionarios do Bem, amigos da Verdade, que, trocamos desassombradamente todas as vaidades e todas as grandes d'este—mundo inclusive o crachá de commendador—pela delicia incomparavel de dizermos o que muito bem sentimos, pensamos e observamos. Porque, convençam-se os que vêm, tudo—ceos e terras—pelo prisma falso do interesse pessoal e do preconceito, si a humanidade ainda soffre e geme, a culpa é d'ella, da Burguezia, esse flagello de todas as grandes virtudes, esse algôz da esthetica e do bom gosto, cujas aspirações, em summa, resumem-se n'este preceito ignobil: —*encher bem a pança e ganhar dinheiro.*

De vez em vez a Burguezia, zás! atira-nos com um punhado de asneiras, e nós zás! atiramos-lhe com o panno encarnado e, immediatamente, desfechamos-lhe farpas sobre farpas. E' uma luta qual havemosde sahir vencedores, porque queremos e temos força de vontade. Ora si...

Ha dias, na ultima partida do Club Iracema, um senhor gaiato (naturalmente algum burguezinho de fraldas) em má hora lembrou-se de fechar o registro do gaz. Imagine-se a balburdia, lá dentro, nos salões. Dançava-se, reio eu, uma quadrilha inferna-

obrigada a apertos de mão e a machucadellas de calles. Donzellas, muito coradas á luz forte dos combustores de vidro, tinham o rosto lavado de suor e poeira, com vibrações nervosas no corpo franzino.

De repente—aqui d'el-rei! apagou-se a iluminação.—Bonito! fizeram uns. Homm'esta! disseram outros estatelados. E, todos a um tempo, procuravam a porta da rua, uma brecha qualquer, atarantados, cegos, asphixiados quasi, na escuridão. Eram apalpadellas, belliscões, gritinhos, empurrões, fanicos... o diabo!

Quem foi, quem não foi?

Eis a descommunal interogação que surtiu com a luz.

A Burguezia nao se fez esperar: com seu dedo sujo de azeitavre, a sobrecasaca cinzenta de poeira, apontou um *padreiro* imaginario que tomava notas correctamente a um canto. E logo todo mundo que vive para a Burguezia e pela Burguezia, concordou que sim, que aquillo fóra obra de *padreiro*!

Ah! burguez d'uma figa, ou-saste calunniar assim a *Padaria Espiritual*! Pois bem, o nosso odio será eterno: nunca mais, nunca mais terás socego n'este mundo e no outro, grandissimo fascinora da civilisação. Mil Sobreiras te persigam!

Fiquem sabendo de uma vez para sempre os leitores d'*O Pao*, os amigos da *Padaria*, que nós somos incapazes, mas mesmo incapazes, de tão incorrecto procedimento, como somos incapazes de acreditar na infalibilidade das pillulas do Dr. Maya para sesões.

—o—

Entre as novidades assombrosas d'estes ultimos tempos nenhuma tão original, tão fim de seculo, como os *sondos materia*

istas do Snr. Mario Chaves, que a *Republica* tem publicado a guisa de papa-fina. Ao que nos parece toda a obra de Darwin e Büchner vai ser traduzida em versos *nephelebas* pelo jovem (?) anthropologista.

Aqui para nós : o Snr. Chaves faria muito melhor e prestaria até um serviço relevante aos leitores da "Republica" si, em vez de *poesias materialistas*, escrevesse alguma coisa mais util e menos indigesta, não só porquê pouparia-nos o trabalho de ler poesia sem arte, como também aproveitaria a sua intelligencia, aliás aproveitavel; dedicando-se a um estudo serio da origem e evolução do homem. Sim, porque o Snr. Chaves, discutindo em versos mal feitos, jamais achará a *chave* da "magna questão". Isso de rimar *anthropoide* com *concoide*, *tercario* com «quaternario, geologico» com *cosmologico*, afinal de contas é perder tempo e papel ou, como lá diz o outro, malhar em ferro frio.

Concitamos o Snr Mario Chaves a estudar mais e a escrever menos.... puerilidades.

—o—

Circo. Partido azul e partido encarnado, trapezios, saltos mortaes, palhaçadas, disturbios, exposição de animaes conhecidos— tudo *chapa*. tudo a m smissima coisa de sempre. Bello modo de ganhar a vida !

—o—

do Pela primeira vez fomos ao cemiterio em dia de finados. E lá vimos o derradeiro *apigo* d'aquelles que em vida foram os nossos correligionarios, os nossos camaradas, os nossos amigos.

Como nós, creio que toda a população d'esta capital lá foi visitar os mortos, os esquecidos d'esta vida, porque desde pela manhã até a noite era extraordinario o vai-e-vem de gente no caminho do cemiterio. O que não podemos afirmar é si todos foram impulsionados pelo mesmo sentimento religioso.

F. Guanabarno.

MALACACHETAS

IV

Lá fóra o clarão da lua
Polvilha as casas de prata ;
Corta o silencio da rua
Um rumor de serenata.

Um som' de flauta fluctua...
Canta alguém uma volata,
E c violão geme, estúa
Acompanhando a cantata.

Os trovadores vêm vindo...
Eu, gostosamente ouvindo,
Busco amodinha entender...

E ouço o cantor bradar lá :
« Inda hei de aqui voltá
Sómentes para te ver ! »

Moacyr Jurema

—o—

No Java

— Leve este café... está detestavel ! Depois que o Mané Coco deu para marmorista, parece que vocês fazem café com pó de... marmore !

—o—

Cumulo de ourivesaria :

— Fazer um anel para o dedo... do Destino.

W.

Canção

Acorda, amor, desperta,
deixa o leito de rendas e escumilha
e vem, da tua janellinha aberta,
ver como geme a minha guitarrilha.

A noite está tão linda
que a gente sente perpassar de leve
dentro do peito uma alegria infinda
e um bem estar que a penna não descreve!

A lua enternecida
chora no espaço lagrimas prata,
enquanto tu no leito adormecida,
não vens ouvir a minha serenata...

As estrelas dormentes
vão desmaiando pela immensidade
com a languidez das virgens innocentes
d'uma noite de scisma e soledade...

Desperta, minha amiga,
a noite é bella como as virgens puras ..
Deixa que o mundo malfasejo diga
que nós andamos a fazer loucuras.

A nós que nos importa,
a humanidade hypocrita e falsaria?
Solta os cabelos, abre a tua porta...
A rua está silente e solitaria...

Resplandecente o céu
tão de azul alegre se matisa,
e um farrapo de nuvem — b anco véo —
vôa impellido pela fresca brisa

Não tarda vir o dia
quebrar da noite o mysterioso encanto,
deslumbrante de insolita alegria
sob as dobras fulgentes de seu manto.

Portanto, meu amor,
deixa nm momento o leito de escumilha
e vem, da tua janellinha em flor,
ver como geme a minha guitarrilha...

SATIRO ALLEGRETE.

Ceará, Outubro de 92.

Cumulo de gastronomia :
Comer à sobre-meza uma
lingua de... camisa.

☛.

CELEBRIDADES CONTEMPORANEAS

IV

Aracaty

Oriundo da terra que lhe deu o nome, terra onde a Providencia foi substituida pela Carnahuba, este parrelheiro assignalou sua entrada no Prado por uma brilhante victoria sobre o *Apollo*, com o que muito elevou os brios cearenses.

D'ahi para cá tem soffrido seus revezes, devido á teimosia do Valente, que, segundo dizem, quer que elle, como o cavallo do inglez, acostume-se a passar sem comer.

Não sei si isto é exacto; o que sei é que o *Aracaty* anda magro, *dallido*, abatido e até com olheiras, — assim com cara de ressaca...

A proposito, ouvi um sugeito dizer no Cascata :

-- Que pena! Um cavallo tão bom andar tão maltratado!

E accrescentou maliciosamente:

-- Dize-me com quem andas...

V

Meruóca

E' um cavallo de venetas : ha dias em que parece ter azougue nas veias ; ha dias, porem, em que parece matuto de botinas novas.

Questão de temperamento.

Na ultima corrida ia n'uma carreira esplendida, o Carlos já fazia calculos financeiros com o premio, quando de repente... catrapuz! -- mette a venta no chão, deixando o *jockey* esfregado e eu e outros que tinhamos *poules* a chuchar no dedo.

Isto, porém, não obsta que o *Meruóca* seja um cavalheiro, que-

ro dizer, um cavallo digno de apreço e da estima dos frequentadores do Prado.

VI

Meroveu

Um cavallinho brioso e já laureado em diversas pugnas, para orgulho do Xico, que já tem arrebatado as costuras de diversos *fracks*.

E' verdade que o *Meroveu* tem tido seus maus dias: e quando tal acontece, o Xico, coitado, marcha como um balão furado.

Notando que o *Meroveu* andava triste e nostálgico, o Xico teve uma idéa luminosa...

Dias depois o *Meroveu* rinchava de prazer vendo diante de si sua extremosa mai (lá delle) e uma sua galante irmazinha.

O *Meroveu* está hoje inscripto no pareo de 2000 metros e naturalmente h' de querer fazer figura aos olhos maternos e ao mesmo tempo agradecer a gentileza do Xico.

Os jogadores devem, pois, comprar *pouls* em primeiro no *Meroveu*.

M.

—o—

A tua bocca vermelha.
Como uma flor purpurina
Muda meu ser n'uma abelha
Só p'ra beijar-te, menina!

A.

—o—

Cumulo de confeitaria :
Temperar doce com canella...
deveado

W.

Musa Nephelibata

I

ANTONIO SALLES :

Argonauta, onde está teu ideal thesouro,
A nova Colchida—esse encantado Paiz,
Onde teu genjo vai numa galera de ouro
Tendo por mareantes Colombos juvenis ?

Ilha de ouro e coral, de passaros contentes,
Onde cantam mil nimphas em festivo côro.
E ao luar rios gemem ais civos e dolentes
Beijando a escada branca a algum castello
(mouro.

Terra que vejo em sonho desde creancinha,
P'ra onde ala-se-me o pensamento—essa
(andorinha
Q' anda buscando eternamente a primavera

Terra do ideal, oh' meu Novo—Mundo co-
(nhado !
Abre-me o seio, ouve ao ente desesperado
Ao doido, ao sonhador, ao filho da Chimera

ANATOLIO GERVAS.

Ceará—ga.

—o—

CARTEIRA

Folheando nossa carteira, encontramos as seguintes notas :

Ulysses Beserra o nosso querido camarada, acaba de ser impiedosamente ferido por um golpe terrivel : — seu irmão Nabor, aquelle valente rapação que todos conheciam e estimavam, morreu-lhe nos braços, no dia 1 do corrente.

Uma verdadeira calamidade domestica a morte do pobre rapaz, que parecia ter saude para viver 100 annos e que deixa em extrema pobreza suas desoladas irmãs.